

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO SÓCIO ECONÔMICO

DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL

**GRUPO: INSTRUMENTO QUE VIABILIZA AS
AÇÕES SÓCIO-EDUCATIVAS DO SERVIÇO SOCIAL,
EM UM PROGRAMA DE APOIO E ORIENTAÇÃO
SÓCIO-FAMILIAR / SÃO JOSÉ – SC.**

IZAIANE LATRÔNICO MOTTA

FLORIANÓPOLIS

2004

IZAIANE LATRÔNICO MOTTA

**GRUPO: INSTRUMENTO QUE VIABILIZA AS
AÇÕES SÓCIO-EDUCATIVAS DO SERVIÇO SOCIAL,
EM UM PROGRAMA DE APOIO E ORIENTAÇÃO
SÓCIO-FAMILIAR / SÃO JOSÉ – SC.**

Trabalho de conclusão de Curso
Apresentado ao Departamento de
Serviço Social da Universidade Federal
de Santa Catarina para a Obtenção do
Título de Assistente Social.

Professora Orientadora: Regina Célia
Tamaso Mioto.

FLORIANÓPOLIS

2004

IZAIANE LATRÔNICO MOTTA

**GRUPO: INSTRUMENTO QUE VIABILIZA AS
AÇÕES SÓCIO-EDUCATIVAS DO SERVIÇO SOCIAL,
EM UM PROGRAMA DE APOIO E ORIENTAÇÃO
SÓCIO-FAMILIAR / SÃO JOSÉ – SC.**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao processo de avaliação pela Banca Examinadora para obtenção do Título de Bacharel em Serviço Social e aprovada, atendendo às normas da legislação vigente na Universidade Federal de Santa Catarina, Curso de Graduação em Serviço Social.

BANCA EXAMINADORA

REGINA CÉLIA TAMASO MIOTO
Professora da Universidade Federal de Santa Catarina
PRESIDENTE

LUCIANA DE ABREU RONCONI
Professora da Universidade Federal de Santa Catarina
1ª EXAMINADORA

MARIA EUNICE MELLO CARDOSO
Educadora do Centro de Referência Sentinela
2ª EXAMINADORA

FLORIANÓPOLIS
2004

*“O momento em que vivemos
é um momento pleno de desafios.
Mais do que nunca é preciso ter coragem,
é preciso ter esperanças para enfrentar o presente.
É preciso resistir e sonhar.
É necessário alimentar os sonhos
e concretizá-los dia-a-dia no horizonte de novos tempos
mais humano, mais justos, mais solidários”.*
(IAMAMOTO, 2001).

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos profissionais da Universidade Federal de Santa Catarina, especificamente aos professores do Departamento de Serviço Social.

À professora Dr^a Regina Célia Tamaso Miotto, que como minha orientadora, foi uma profissional dedicada, e não mediu esforços para conduzir meu aprendizado.

À equipe técnica do Programa Família Cidadã, principalmente as Assistentes Sociais, Tatyana Karin de Oliveira e Iliane Turnês, por terem sido minhas supervisoras durante o período de estágio e demais funcionários da “Cidade da Criança”.

À educadora Eunice, por seus ensinamentos, através de suas palavras e seus exemplos, ensinou-me que todos devemos sonhar e mesmo diante de obstáculos jamais desistir.

À Giovana Feijó, acadêmica de Psicologia, que comigo desenvolveu o projeto de grupo sócio-educativo, juntas aprendemos através do projeto desenvolvido o que significa verdadeiramente um trabalho interdisciplinar. Com tanta sintonia, nosso trabalho certamente não se encerrou no período de estágio e a amizade construída crescerá a cada dia.

Acima de tudo agradeço a DEUS, por todas as oportunidades que tive, principalmente por ter me dado uma família tão maravilhosa. Todos os meus familiares foram incentivadores e cada um, com seu jeito especial contribui para o que sou. Agradeço intensamente meu pai Manoel e minha mãe Marlene por serem os maiores responsáveis por minhas conquistas, sem eles eu nada seria.

Meus irmãos Renato e Geovane, pelo carinho, respeito e amor. Eles são minha fortaleza e fonte de inspiração e tê-los como irmãos é um grande orgulho.

Ao Junior, meu amor, por tudo o que tem sido e pela paciência e dedicação. Agradeço sua família, que agora já considero minha, pois, me acolheu com carinho e sempre acreditou em mim.

Agradeço a todas as pessoas que me ajudaram, em especial a meus amigos e amigas:
Rosângela, Ivonete, Taise, Tatiane, Sheila, Joelma, Leninha, Ricardo, Cíntia, Gabriella, Deisy,
Josiane.

RESUMO

A partir da experiência vivenciada no Programa Família Cidadã, buscou-se na documentação referente a grupo e na bibliografia da área do Serviço Social sobre o tema, as informações necessárias para a discussão e reflexão do trabalho do Serviço Social em um grupo sócio-educativo. As informações encontradas permitiram identificar alguns fenômenos e organizações presentes em diferentes tipos de grupo, em especial o grupo sócio-educativo, o que possibilitou a discussão sobre os pressupostos fundamentais desta abordagem grupal, que se classificam como: Concepção de Educação, Papel do Educador, Processo de Comunicação Grupal: Sistema Simbólico e a Problematização, A Questão do Sigilo, Planejamento, Registro das informações, Técnicas de Dinâmica de Grupo. Contudo, este trabalho possibilitou a realização da análise da experiência a partir dos marcos teóricos postulados sobre o tema.

Palavras-chaves: Serviço Social, ação sócio-educativa, grupo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	13
1 O SERVIÇO SOCIAL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	13
1.1 O Serviço Social brasileiro: dos anos 30 ao Movimento de Reconceituação.....	14
1.2 O Serviço Social Brasileiro na Atualidade	18
CAPÍTULO II.....	20
2 O SERVIÇO SOCIAL E A ABORDAGEM GRUPAL	20
2.1 A Dinâmica dos Grupos	21
2.2 Organização e Tipos de Grupos	25
2.3 A Intervenção do Serviço Social com Grupos, na Perspectiva das Ações Sócio-educativas.	28
2.4 Concepção de Educação.	31
2.5 Papel do Educador	33
2.6 O Processo de Comunicação Grupal: O Sistema Simbólico e a Problematização.	35
2.7 A Questão do Sigilo	39
2.8 Acompanhamento Programático.....	40
2.9 Registro das Informações	41
2.10 Planejamento	42
2.11 Técnicas de Dinâmica de Grupo	43
CAPÍTULO III	44
3 PROJETANDO A EXPERIÊNCIA COM GRUPO SÓCIO-EDUCATIVO.....	44
3.1 Caracterização do Grupo.....	44
3.2 Contexto Institucional e os Antecedentes do Grupo	46
3.3 Proposta do Grupo Sócio-educativo	49
3.4 Sujeitos Participantes e Critérios de Seleção	50
3.5 Estratégias de Ação	51
3.6 Metodologia.....	52
3.7 Desenvolvimento da Abordagem Grupal.....	55
3.7.1 1º Momento – Acolhida e Avaliação.....	55
3.7.2 2º Momento – Comunicados.....	57
3.7.3 3º Momento – Técnicas de Dinâmica de Grupo	58

3.7.4	4º Momento – Confraternização final.....	63
3.7.5	5º Momento - Avaliação dos Educadores.....	63
3.8	Análise da Intervenção Profissional a partir da Utilização de Grupos	64
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	69
	APÊNDICES	73

INTRODUÇÃO

O Trabalho de Conclusão de Curso, que aqui se apresenta, é fruto da experiência de estágio curricular não obrigatório e curricular-obrigatório, realizado em um Programa de Apoio e Orientação Sócio-Familiar - Programa Família Cidadã. Esta instituição de âmbito público faz parte das ações que integram as atividades do Centro Integrado de Atendimento a Criança ao Adolescente e a Família – “Cidade da Criança”, que está vinculada a Secretaria do Desenvolvimento social do município de São José/SC.

No decorrer da experiência de estágio realizada no período de 2003 a 2004, verificou-se a necessidade de aprofundar estudos relacionados à intervenção do Serviço Social, na tentativa de propor ações criativas que viessem de encontro às finalidades institucionais visando o atendimento qualificado das demandas de seus usuários.

Durante o estágio, após conhecer o contexto institucional, identificando limites e possibilidades de intervenção e fazendo o reconhecimento da demanda do Programa, foi escolhida como estratégia de intervenção a abordagem grupal.

Apreendendo o Processo de Trabalho do Serviço Social, no contexto de uma sociedade em transformação pauta-se como necessário conhecer tais transformações e os resultados das mesmas, considerando que o contexto sócio-histórico influencia diretamente a prática profissional, exigindo novas competências. A partir deste entendimento, considera-se essencial o aprofundamento teórico-metodológico sobre a história desta profissão e o reexame dos paradigmas, identificando as mudanças ocorridas e as conseqüências para a intervenção do Assistente Social na atualidade.

Partindo desta reflexão e da inserção no campo de estágio, este trabalho privilegiou a discussão das ações sócio-educativas, que têm sido consideradas ao longo da história da

profissão, porém condicionadas aos diferentes projetos ético-políticos, assumidos pela categoria profissional.

Nesta perspectiva iniciou-se um processo de estudo a cerca do entendimento sobre a intervenção profissional de cunho sócio-educativo e particularmente sobre a abordagem grupal nesta direção.

Na tentativa de socializar os conhecimentos adquiridos buscou-se por intermédio deste trabalho, analisar passo a passo a abordagem grupal, pontuando alguns elementos que foram fundamentais para a concretização desta.

Em suma, pretende demonstrar a importância de realizar uma intervenção grupal fundamentada teoricamente em todos os seus aspectos, apresentando a ação do Serviço Social, como um trabalho vivo, pensado e consciente, em que teoria e prática andam juntas, garantindo desta forma o compromisso com o projeto ético-político do Serviço Social.

Para tanto este trabalho está estruturado em três capítulos. O primeiro trata da discussão do Serviço Social nos diferentes contextos históricos. Destaca-se o processo de trabalho do Serviço Social a partir da abordagem grupal, mais especificamente a abordagem de grupo sócio-educativo.

O segundo capítulo apresenta a experiência de grupo sócio-educativo, realizada no Programa Família Cidadã, em que o Serviço Social juntamente com a Psicologia desenvolveram um trabalho interdisciplinar. Neste capítulo será exposta a intervenção grupal em todo o seu processo de implementação e implantação.

O terceiro capítulo é resultado de todas as análises realizadas sobre o desenvolvimento do grupo sócio-educativo e o papel do Assistente Social enquanto agente de mudanças que problematiza temáticas como intuito de educar sujeitos, para que possam a partir de uma reflexão crítica da realidade, construir sua própria história de forma autônoma.

Portanto o trabalho que ora se apresenta, é fruto de uma experiência interdisciplinar que possibilitou a interação entre a teoria e a prática, e objetiva apresentar a reflexão sobre a ação profissional desenvolvida. Desta forma traz como central a temática dos grupos em especial os grupos de natureza sócio-educativa.

CAPÍTULO I

1 O SERVIÇO SOCIAL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Ser Assistente Social nos dias atuais significa buscar constantemente a garantia de direitos e a justiça social. Para tanto, é necessária uma postura ético-política que perceba o usuário como um sujeito de direitos, capaz de construir e reconstruir sua história, através de uma consciência crítica/reflexiva da realidade. Dessa forma, identificar os valores e as potencialidades dos sujeitos é o primeiro passo para planejar e executar estratégias efetivas de intervenção.

Essas estratégias exigem do profissional o desenvolvimento de sua capacidade para decifrar a realidade apresentada, e a partir de demandas emergentes construir propostas de trabalho criativas que consigam resguardar e efetivar direitos. Sendo assim, o Assistente Social precisa ser um profissional propositivo e não apenas um executor de políticas sociais. (IAMAMOTO, 2001).

Nesse sentido, ao criar propostas o profissional tem que estar atento às dimensões da profissão, sendo que a intervenção do Serviço Social acontece em meio a duas dimensões que se caracterizam como: dimensão profissional, que é a resposta técnico-profissional para a demanda e a dimensão contextual, que significa a configuração do contexto sócio-histórico no qual a sociedade se organiza.

Com este entendimento o profissional realiza trabalho pensado, consciente, e colabora para a transfiguração de um direito legal em direito real, contribuindo ainda, para a fundamentação do processo democrático (VASCONCELOS, 2002).

Com a intenção de interpretar a realidade vigente em sua totalidade, a fim de assinalar soluções apropriadas para as expressões da questão social, cabe ao profissional ter domínio do aparato teórico-metodológico do Serviço Social. Para tanto conhecer o contexto sócio-histórico é parte significativa para o profissional que objetiva a mudança no âmbito social.

Considerando que o Serviço Social é parte e expressão do movimento histórico da realidade social, conhecer este contexto possibilita que profissionais desta área de forma única consigam compreender a operacionalidade, o sentido e o significado da intervenção (VASCONCELOS, 2002).

De forma sucinta será apresentado a seguir um breve resgate histórico da intervenção dos Assistentes Sociais no contexto brasileiro, objetivando demonstrar as etapas que a profissão perpassou e as mudanças decorrentes deste processo, que influenciam indiretamente e diretamente a ação profissional na atualidade.

1.1 O Serviço Social brasileiro: dos anos 30 ao Movimento de Reconceituação

O Serviço Social no Brasil surge na década de 30, por iniciativa de inúmeros segmentos específicos da burguesia. Apoiados pela Igreja Católica agiam conforme o referencial europeu, e tinham como perspectiva a Doutrina Social da igreja, que se baseava no ideário franco-belga de ação social. É nesta relação que o Serviço Social brasileiro começa a fundamentar e formular os princípios da profissão de cunho fundamentalmente humanista conservador.

Esta postura ligada ao forte apego com os ideais católicos trouxe para a prática profissional, uma atuação que visava o controle, o ajustamento e a repressão, aos padrões determinados pela sociedade burguesa (MARTINELLI, 2000).

Nos anos 40 o Serviço Social brasileiro é influenciado pela prática profissional Norte-Americana, quando, o conservadorismo católico abriu espaço para que as técnicas de atuação pudessem ser orientadas a partir de novas perspectivas. Apesar da aproximação com a experiência americana de intervenção, no Brasil o Serviço Social continuou apresentando características de sua origem, o que significava uma abordagem centrada no indivíduo, porém fortemente apoiada na teoria psicanalítica.

A década de 40 exigiu dos profissionais novas metodologias de trabalho como, por exemplo, o trabalho com grupos e a ampliação desta metodologia para a comunidade. Através deste novo campo de intervenção, o Serviço Social Norte-Americano realizou Programas de intercâmbio cultural com o Brasil, recebendo assistentes sociais para treinamento, objetivando, instalar um canal que permitisse o repasse da ideologia americana, além de facilitar o tráfico de influência em relação à profissão (MARTINELLI, 2000).

Este período pode ser denominado de: “arranjo teórico doutrinário”, caracterizado pela junção do discurso humanista cristão com a teoria social positivista, sendo mediado pelas ciências sociais (IAMAMOTO, 1992, *apud* YAZBEK, 2000). A visão positivista tem por característica, a apreensão manipuladora, instrumental imediato do ser social. É uma visão que aponta mudanças somente voltadas para o ajuste dos indivíduos e a conservação da ordem vigente.

Esta orientação denominada funcionalista configurou a própria profissão do Serviço Social e incrementou propostas de trabalho com perfil manipulatório e ajustador, e tinha por objetivo o aperfeiçoamento dos instrumentais e das metodologias de ação, buscando eficiência e sofisticação dos padrões de análise, diagnóstico e planejamento. A busca pela

tecnificação da prática profissional foi marcada por uma crescente burocratização das atividades institucionais (YASBEK, 1984, *apud* YAZBEK, 2000).

Na década de 60, o Serviço Social no Brasil se expande ao assumir propostas desenvolvimentistas, e todo o caráter de trabalho anteriormente utilizado começa a ser questionado. O Serviço Social que antes tratava os problemas sociais de forma individual através do atendimento de casos, depois grupos e comunidade, torna-se ainda mais técnico, fundamentando-se pela busca da neutralidade, frieza e distanciamento em relação aos problemas tratados e no aprimoramento de metodologias (ESTEVÃO, 1984).

Yasbeck entende que com o surgimento do Movimento de Reconceituação nos anos 60, o Serviço Social brasileiro inicia a construção de um novo projeto ético-político comprometido com as demandas das classes subalternas (2000). Neste período grupos de assistentes sociais começaram a questionar a operacionalidade e o embasamento teórico do Serviço Social, pois o modelo até então existente não conseguia responder as expectativas e necessidades da América Latina, que passava por várias transformações sociais e econômicas que exigiram formas de intervenção diferenciadas (ROSAL, 1996).

Segundo Faleiros o Serviço Social foi definindo-se na busca pela contemporaneidade da profissão e da transformação social, criando vínculos com os movimentos sociais e os interesses da classe subalterna, além disso, este movimento fez com que o trabalho social passasse por uma ruptura com o projeto assistencial/beneficente e com a ideologia da adaptação (1996).

A partir dos anos 60 a concepção dialética-materialista passa a dominar as produções e as discussões no interior do Serviço Social. Esta concepção considera que o conhecimento é o resultado de uma apreensão dialética da realidade em seu movimento contraditório em que as relações sociais que configuram a sociedade capitalista são apreendidas em sua totalidade (YAZBEK, 2000).

O Movimento de Reconceituação e debates provenientes deste, sobre a produção teórica no Brasil, resultaram em algumas vertentes de análise:

Vertente modernizadora: Abordagem funcionalista, estruturalista e sistêmica voltada para uma modernização conservadora e a melhoria do sistema. Projeto renovador tecnocrático. Esta abordagem é absorvida pelo Serviço Social que passa a agir visando o ajustamento manipulador dos indivíduos ao sistema vigente. Uma tecnificação da ação profissional que é acompanhada de uma crescente burocratização das atividades institucionais (YASBEK, 2000).

Vertente Fenomenológica: A fenomenologia procura deter-se à análise do acontecimento vivido ou experimentado, situa-se como um método que procura tornar visível os fenômenos da consciência. Constitui uma metodologia dialógica, que objetiva demonstrar e explicitar as estruturas que dão origem à experiência. Esta metodologia permite apreender a realidade em toda a sua plenitude, é uma visão considerada privilegiada em que três pontos são fundamentais: pessoas, diálogo e transformação social, (PAVÃO, 1988, p.15-18);

Vertente Marxista: O referencial marxista do ponto de vista teórico foi considerado precário em um primeiro momento, todavia, seu posicionamento sócio-político foi valorizado e algumas vertentes de análise da profissão começaram a ser questionadas. Por intermédio deste referencial alguns Assistentes Sociais conscientizaram-se de sua inserção na sociedade de classes e passaram a ter como referência analítica à abordagem da profissão como comportamento da organização da sociedade inserida nas relações sociais (IAMAMOTO, 1982).

O Movimento de Reconceituação começou a trazer para o auto da discussão problemas sociais enquanto totalidade, na medida em que passou a deslocar o problema do sujeito para a estrutura social, e a intervenção profissional passou a abranger outros espaços

sócio-ocupacionais, como por exemplo, os movimentos sociais, pois “se acreditou que as instituições não permitiriam a transformação da estrutura social e oscilaria entre a adaptação e o ajustamento¹”.

1.2 O Serviço Social Brasileiro na Atualidade

No início dos anos 80, a teoria social de Marx inicia sua efetiva interlocução com a profissão. Nesse período, o Serviço Social vai apropriar-se também do pensamento de Antonio Gramsci e outros autores, ocorrendo amplos debates a cerca da fundamentação teórica, sendo assim “em diferentes espaços, o conjunto de tendências teórico-metodológicas e posições ideo-políticas se confrontam, sendo inegável a centralidade assumida pela tradição marxista neste processo”(YAZBEK, 2000).

O conceito de cidadania e de direitos teve destaque no Serviço Social nos anos 80 e 90, em que o desafio profissional foi compreender e intervir nas chamadas expressões da questão social, de forma democrática, objetivando a efetivação de direitos e ampliação do espaço público. Esta tarefa desafiadora juntamente com as mudanças ocorridas na prática profissional resultou na formulação e aplicação do novo Código de Ética Profissional em 1993 (LIMA, 2003), e numa ampla discussão sobre as atribuições e competências do Assistente Social, ocorrendo a revisão curricular em 1996 que colocou a questão do trabalho profissional como um dos eixos de fundamentação do novo currículo.

Compreende-se que a competência do profissional na atualidade esta diretamente relacionada a sua capacidade de atualização de informações, compreensão da realidade social

¹ Discussão realizada em sala de aula pela Profa. Dra. Regina Célia Tamasso Miotto na disciplina, DSS5137 Serviço Social e Famílias, Segmentos Sócio Vulneráveis/2004,UFSC.

e implantação de ações inovadoras. O mercado de trabalho da atual conjuntura exige do profissional desempenho na formulação de políticas públicas e gestão de políticas sociais, que venham de encontro com as reais necessidades da população (IAMAMOTO, 2001).

Na contemporaneidade, o Serviço Social conseguiu conquistar alguns avanços, contudo, precisa rever algumas metodologias de trabalho, pois as mudanças ocorridas durante os diferentes momentos históricos, proporcionaram tanto o enriquecimento de algumas metodologias, como o “esquecimento” de algumas técnicas que precisam ser melhor reestudadas, como, por exemplo, o trabalho com grupos que foi por muito tempo relegada a segundo plano. Apesar da carência teórica sobre a prática profissional, nos diversos campos de atuação continuou sendo aplicada, fazendo parte do cotidiano profissional.

Compreendendo a importância de aprofundar o conhecimento com relação a este tipo de abordagem e sabendo que os profissionais podem e devem utilizá-la desde que sua ação esteja fundamentada teoricamente, será explicitado no próximo capítulo um estudo referente à abordagem grupal, especificando esta enquanto ação sócio-educativa.

CAPÍTULO II

2 O SERVIÇO SOCIAL E A ABORDAGEM GRUPAL

Como foi explicitado no capítulo anterior, o Serviço Social perpassou por mudanças no projeto ético-político e metodologias decorrentes deste, repercutindo na atribuição de novas competências para os profissionais desta área. Conseqüentemente, a profissão teve suas técnicas de atuação modificadas, ocasionando tanto o aprimoramento de algumas como o esquecimento de outras.

Por muito tempo, o Serviço Social utiliza a abordagem grupal como instrumento de intervenção, no entanto no decorrer dos tempos o estudo teórico referente a abordagem foi sendo relegado, concomitantemente, nos diversos de campos de atuação continuou sendo utilizada.

Com a convicção da importância deste tipo de abordagem para o Serviço Social, será apresentado agora, um estudo sobre o que significa a abordagem grupal em seu contexto mais amplo, buscando especificar alguns fenômenos grupais, para que se tenha a compreensão da diversidade de técnicas utilizadas no desenvolvimento desta abordagem, objetivando ainda, apresentar teoricamente a abordagem grupal na perspectiva das ações sócio-educativas, para que ao demonstrar no próximo capítulo a experiência do Serviço Social com grupo, haja o entendimento da práxis ocorrida neste processo.

2.1 A Dinâmica dos Grupos

A participação do homem em grupos faz parte de seu cotidiano, através desta o indivíduo consegue interagir com seu meio externo, aprendendo e apreendendo diferentes maneiras de lidar com questões de seu cotidiano.

Segundo Osório (2000), aprender a conviver é o desafio do novo milênio, quer no plano das comunidades onde se habita, quer no plano das nações a que se pertence, dessa forma, cada vez mais é necessário ter a compreensão sobre o “trabalho em e com grupos”.

Os seres humanos estão a todo o momento se relacionando, esta relação ocasiona conflitos e aprendizados. Sendo assim, a tarefa desafiadora para quem trabalha com os sujeitos sociais, é aprender/apreender e construir o conhecimento junto a eles, tendo por convicção a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos.

Os grupos podem ser identificados como uma abordagem estratégica para potencializar as relações sociais, porque possibilitam a reconstrução de histórias de vida, são espaços em que emoções e sentimentos que estavam reprimidos aparecem, abrindo possibilidades para que acontecimentos e situações possam ser resignificados (GUIMARÃES, 2002).

[...] o grupo abre possibilidade de diminuir o isolamento psicológico e social que em geral imobiliza os indivíduos das camadas empobrecidas. E pode auxiliar essas pessoas na tarefa de encontrar mecanismos de enfrentamento das questões do cotidiano (GUIMARÃES, 2002, p.65).

O termo grupo tem sido usado para referir-se a diferentes tipos de agregação de pessoas, mas, ao definir operativamente os grupos pode-se dizer que são um conjunto de pessoas em uma ação interativa com objetivos compartilhados (OSORIO, 2000). Sendo assim, é possível refletir que os grupos não consistem apenas como um conjunto de pessoas

ou objetos situados num mesmo lugar, mas sim a união de pessoas que através da comunicação estabelecem relações sociais.

O grupo é como um processo interativo, cada indivíduo exerce influência sobre os outros, resultando em transformações, mudanças nestes e em si, a partir de suas relações, sobre sua própria realidade. Esta reflexão lhe dá uma razão para o que vivencia. O que lhe permite tomar decisões de como agir ou se sentir perante ele (GRUDTNER, 1997, p. 31).

A abordagem grupal como afirma Lima (1970), é um sistema de *feedback*, podendo ser considerada ainda, a maneira mais efetiva para o processo de comunicação, pois o trabalho em grupo elimina alguns obstáculos, sendo que, “é condição da vivencia e intercomunicação sem equívocos e ambivalências”. “No grupo a mensagem reflete em muitos espelhos, possibilitando seu estudo em todos os ângulos” e ao discutir os assuntos pode-se fazer a correção de algumas deformidades que interferem e acompanham a mensagem explicitada, ocorrendo à obtenção de uma “conotação mínima” que esteja de acordo com a decisão consensual do grupo.

Ao realizar uma intervenção através da abordagem grupal não se deve perder de vista a sua relação com as inúmeras configurações da sociedade, e com o contexto sócio-histórico no qual os sujeitos estão inseridos, considerando que a sobrevivência do ser humano é um fator social, que reproduz a sua existência histórica contextualizando num mundo concreto. (LENZI, 2002).

Outro fator presente em um processo grupal é a resistência a mudança, sobre este assunto Berstein afirma que:

A atitude diante da mudança pode ser positiva e falamos então, de atitude mutante; ou negativa, a qual chamamos de resistência a mudança. Frente às situações de mudança, surgem os medos básicos: o medo da perda e o medo do ataque. O primeiro é o medo de perder o que já se tem (por exemplo: marcos referenciais prévios, benefícios secundários do sintoma, adaptações passivas a situação de enfermidade, etc.). O segundo é o temor frente ao

desconhecido, que pode ser perigoso, e diante do qual sentimos que não estamos instrumentados para manejar com a nova situação (BERSTEIN, 2002, p. 109).

O primeiro autor a utilizar a expressão Dinâmica de Grupo, foi Lewin, na década de 40, este define a Teoria de Campo, para o autor campo significa um número de forças que afeta a conduta do grupo, segundo ele “A direção o sentido e intensidade relativa das forças determinam a direção, o sentido e a velocidade do movimento no grupo” (CUNHA; FRELA, 2002). O autor explica ainda que:

Os comportamentos dos indivíduos enquanto seres sociais são função de uma dinâmica independente das vontades individuais.[...] toda dinâmica de grupo é a resultante do conjunto das interações no interior de um espaço psico-social (LEWIN, 1943 *apud*, MAILHIOT, 1977, p.50).

Lewin entende que os grupos constituem-se em um espaço que pode ocasionar ou não a mudança social. E o fator determinante que tornará possível a mudança social será sempre o clima do grupo, que é sempre determinado pelo tipo de autoridade que nele se exerce. Para o autor a mudança social implica em uma modificação do campo dinâmico no qual o grupo se encontra. À medida que esta modificação ocorre ou não, o observador-participante, caracterizado como um “experimentador preconizado” pode identificar nos grupos os fenômenos relacionados à mudança social (Lewin 1943, *apud* MAILHIOT, 1977). Apesar da contribuição de Lewin ser importante para o entendimento da dinâmica grupal, a de se considerar, que o autor segue seu discurso pela linha fenomenológica, o que significa ter o entendimento de que os conflitos dentro e fora do grupo são fatores que impedem a harmonia grupal, no entanto, para o Serviço Social que segue seu discurso pela linha do Materialismo-dialético, admitir conflitos é admitir possibilidade de aprendizado e mudança social.

Lewin no que diz respeito à tentativa de mudança social, classifica três fenômenos que podem ser observados nos grupos (Lewin, 1943 *apud* MAILHIOT, 1977). São eles:

Estática de grupo: Ocorre quando os grupos não sentem nem experimentam nenhum desejo de mudança. Desta forma não constituem uma dinâmica de grupo, de tal modo as estruturas formais absorveram as dimensões funcionais deste grupo;

Valorização do *status quo*: Ocorre quando a mudança é desejada pelos participantes não-conformistas do grupo, estes têm que enfrentar resistências dos participantes que tem interesse investido no *status quo*, o que significa uma atitude conformista que tenta contrariar às tentativas de mudança. Os conformistas utilizam geralmente “manobras clandestinas”, objetivando desenvolver um clima no grupo que torne as transformações sociais momentaneamente impossíveis, mas não deixam de adquirir seus privilégios. Neste tipo de grupo os elementos conformistas são minoria, mas suas resistências conseguem fazer com que a mudança ocorra de forma lenta;

Inclinação para a mudança: Ocorre em grupos cuja maioria dos participantes não apresentam comportamento conformista, isto é, experimentam e sentem uma intensa “inclinação para a mudança”. Nestes grupos, as percepções dos participantes juntamente com as atitudes e comportamentos coletivos são permeados pela vontade que os participantes têm de crescer e superar a si mesmos como grupo.

Alguns autores ao estudar a estrutura dos grupos identificam alguns fenômenos presentes nos grupos. São eles:

Aceitação Mútua: Vieira comenta que a aceitação mútua é um fenômeno necessário para que o conjunto dos sujeitos se transforme em grupo. Deve acontecer em todo o processo e a sua utilização possibilita que os sujeitos consigam retirar e oferecer aos outros, contribuições próprias (VIEIRA, 1970 *apud* ROSAL, 1996);

Deliberação, escolha e tomada de decisão: Segundo Vieira, estas fases vêm de encontro com as regras, objetivos, atividades e organização do grupo. Possibilitam que os sujeitos aprendam a discordar e a concordar com as idéias do coletivo. Nestas fases podem surgir alguns conflitos, o que enriquece o aprendizado (1970 *apud* ROSAL, 1996);

Necessidade de inclusão: Schutz entende que os membros do grupo sentem-se verdadeiramente incluídos, ao se perceberem como um participante que integra cada uma das etapas do processo de tomada de decisão. Além disso, o autor explica que todo membro novo precisa sentir-se aceito, integrado, valorizado totalmente por aqueles aos quais se junta (1977);

Necessidade de afeição: Schutz afirma que o participante do grupo precisa ter certeza de ser completamente valorizado pelo restante dos integrantes, e necessita que os outros o percebam como insubstituível. O integrante que se junta ao grupo, deseja ser respeitado, estimado por sua competência ou por seus recursos, entretanto, o que mais importa é ser aceito na qualidade de pessoa humana, sendo valorizado prioritariamente pelo que é e não apenas pelo que tem (1977).

2.2 Organização e Tipos de Grupos

Quanto à organização dos grupos alguns autores compreendem que eles podem ser classificados conforme exemplos citados abaixo:

Grupos Abertos ou Fechados: Nos grupos abertos, pode ocorrer a entrada e saída de membros durante todo o processo, e nos grupos fechados existe uma resistência a esta flexibilização (KISNERMAN, 1973 *apud* ROSAL, 1996);

Grupos Homogêneos e Heterogêneos: Nos grupos homogêneos os sujeitos apresentam aspectos parecidos, como, por exemplo, a idade e o sexo, e nos grupos heterogêneos os sujeitos não apresentam características semelhantes (KISNERMAN, 1973 *apud* ROSAL, 1996).

Existem vários tipos de grupos, segundo alguns autores os grupos podem ser definidos, como:

Grupos Espontâneos: Os próprios sujeitos a partir de suas necessidades psicológicas, formam este tipo de grupo, que se caracteriza como homogêneo, e não possui objetivo específico. Possui sólidos vínculos de afeto e a liderança aparece pela capacidade ou força física que o sujeito apresenta (KISNERMAN, 1973 *apud* ROSAL, 1996). Sobre os grupos espontâneos Vieira afirma, que se constituem de forma espontânea, quando anteriormente a sua formação os sujeitos já se relacionavam, ou, pelo menos, aqueles que tiveram a idéia de criar o grupo ao conhecerem-se mesmo que de forma não muito aprofundada descobriram um interesse comum que os aproximou (1978);

Grupos Impostos: São formados obrigatoriamente para um determinado fim, e se mantém através do controle em que o chefe é a representação da autoridade. É um grupo heterogêneo que cumpre normas pré-determinadas pela instituição, conforme Kisnerman (1973 *apud* ROSAL 1996);

Grupos Motivados: São aqueles que possuem objetivos específicos, que vêm de encontro aos interesses do próprio grupo. Os grupos motivados segundo Vieira (1978), surgem estimulados por um agente exterior. Neste grupo relações anteriores são inexistentes, e os sujeitos são atraídos pelo interesse em adquirir novos conhecimentos. As relações interpessoais são estabelecidas de forma gradativa, na medida em que o grupo for satisfazendo os interesses pessoais de cada sujeito e as afinidades forem possibilitando maior vínculo no grupo (KISNERMAN, 1973 *apud* ROSAL 1996);

Grupos Pré-formados: São grupos formados pela união dos sujeitos, que já se conheciam anteriormente e que por vínculos afetivos resolveram unir-se. A liderança neste caso é escolhida pelo prestígio e pela capacidade que o sujeito apresenta para garantir a estrutura do grupo, menciona Kisnerman (1973 *apud* ROSAL 1996);

Além dos tipos de grupos apresentados anteriormente, alguns autores identificam outras classificações, que se diferenciam conforme o objetivo que pretendem almejar. São eles:

Grupos Focais: São grupos que objetivam (através da coleta de informações) o conhecimento de crenças, idéias e sentimentos dos sujeitos. Caracterizam-se como grupos que possuem autonomia de forma reduzida (AFONSO; COUTINHO, 2003);

Grupos Sócio-educativos: Objetivam por intermédio do conhecimento das crenças, idéias e sentimentos dos sujeitos a sua reflexão, mudança ou adaptação à realidade na qual estão inseridos. Buscam estimular novas aprendizagens, para que os sujeitos possam enfrentar questões adversas. Além disso, eles têm como foco de trabalho uma questão previamente definida. Apresentam uma certa autonomia mais ainda de forma reduzida (AFONSO; COUTINHO, 2003);

Grupos Operativos: Têm como objetivo conhecer as crenças, idéias e sentimentos de seus participantes visando a sua reflexão e mudança, estimulando novas aprendizagens enquanto realidade compartilhada no contexto sócio-histórico, bem como estimulando a operatividade, autonomia e mobilização dos participantes. Nos grupos operativos busca-se uma visão diferenciada do que seja a aprendizagem, relacionando-se com a possibilidade de elaboração da experiência (AFONSO; COUTINHO, 2003). O que caracteriza grupos operativos é a relação que seus integrantes mantêm com a tarefa e esta poderá ser a obtenção da cura. Para ele não existe diferença entre propósitos terapêuticos e de aprendizagem, pois considera que

todo grupo é terapêutico O termo terapêutico é entendido no sentido pichoniano de provocar mudanças (GUIMARAES, 2002);

Grupos Terapêuticos: Estes grupos podem ser homogêneos ou Heterogêneos, atuam em função dos conflitos psíquicos dos seus integrantes, objetivando a reflexão e a mudança. Estimulam a elaboração de problemas psíquicos, emocionais e relacionais, visam promoção da mudança do problema psicológico dos participantes, uma vez que, ajudam os mesmos a elaborar maneiras de trabalhar com suas angustias e conflitos (AFONSO; COUTINHO, 2003).

Como foi explicitado, existe uma variedade de tipos de grupo, sendo que cada um, demonstra formas e organizações diferenciadas, com objetivos próprios. Neste trabalho será considerada a experiência realizada no estágio, enfocando a intervenção interdisciplinar do Serviço Social e a Psicologia em um grupo sócio-educativo.

2.3 A Intervenção do Serviço Social com Grupos, na Perspectiva das Ações Sócio-educativas.

Em muitas ações do Serviço Social, está expresso, um caráter sócio-educativo, que se configura de diferentes formas na variedade de campos de atuação (LIMA, 2003 apud, MIOTO, 2002).

O Assistente Social que identifica sua intervenção enquanto ação sócio-educativa tende a direcionar seu processo de trabalho para o fortalecimento da consciência reflexiva do sujeito para que este tenha a compreensão da realidade social em que vive, apontando alguns caminhos como a coletivização de suas necessidades, e conseqüente ampliação e garantia de seus direitos. Sendo a Esfera Pública responsabilizada pela garantia e ampliação dos mesmos.

O profissional nesta perspectiva deve agir eticamente através de um trabalho vivo, criador, que a partir do acolhimento e criação de vínculo possibilita ao sujeito de direitos a autonomia em suas ações, para que este possa relacionar-se de forma consciente com sua família e com a comunidade de que faz parte (LIMA, 2004).

O Serviço Social na perspectiva das ações sócio-educativas utiliza como principal instrumento de trabalho a socialização de informações. Esta é apreendida como ferramenta que possibilita o fortalecimento da autonomia dos sujeitos de direitos, para que possam conscientemente identificar propostas de mudança condizentes com a situação que vivenciam, além disso, é: “[...] uma ação profissional que fortalece o usuário no acesso e no processo de mudança da realidade na qual se insere, na direção da ampliação dos direitos e efetivação da cidadania” (SILVA, 2000, p.114).

Mas do que repassar informações o Assistente Social precisa agir de forma educativa, tendo, a compreensão de que o sujeito é capaz de refletir, sintetizar conhecimentos, mudar comportamentos e atitudes que considere inadequados. Em um processo educativo, todos possuem conhecimento, a troca deste possibilita o aprimoramento e a descoberta de habilidades.

O processo de ensino-aprendizagem acontece no decorrer das atividades interventivas do Serviço Social. Pode ser construído a partir da interação entre educador e o educando, na medida em que, o educador ajuda o educando a encontrar significados nas situações adversas que vivencia, procurando a melhoria da qualidade de vida, por intermédio de seqüências que se repetem, como se fosse uma história coletiva que precisa ser criada e refeita (GRUDTNER, 1997). Este processo é facilitado a partir da utilização de alguns instrumentais técnico-operativos, destacando-se os grupos. Como já foi falado neste trabalho, existem vários tipos de grupo, no entanto, cabe aqui enfatizar que os grupos sócio-educativos constituem o tipo de

grupo que mais facilita a intervenção do Serviço Social na perspectiva das ações sócio-educativas.

O grupo sócio-educativo, parte de um pressuposto fundamental: o aspecto educativo. Tem como foco de trabalho temas, questões que se tornam seu objeto de reflexão. Objetiva criar condições que possibilitem a reflexão e a conscientização dos sujeitos sobre tais questões. Pode ser permanentemente aberto, homogêneo ou heterogêneo sem definição de número de sessões, e com certa rotatividade, mas mantém seu foco de reflexão. Neste grupo o coordenador exerce o papel de educador (AFONSO; COUTINHO, 2003).

Este instrumental técnico-operativo é um espaço facilitador da reflexão crítica da realidade, por que ao pensarem juntos os sujeitos percebem outros caminhos a seguir, analisam a situação vivenciada e decidem o que fazer a partir de uma reflexão coletiva. Com esta reflexão o sujeito tem a possibilidade de conscientizar-se para buscar a ação.

O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a co-participação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um “penso” mas um “pensamos”. É o “pensamos” que estabelece o “penso” e não o contrário. Esta co-participação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação. O objeto por isto mesmo, não é a incidência terminativa do pensamento do sujeito, mas o mediatizador da comunicação (FREIRE, 1977, p. 66).

Os grupos na perspectiva das ações sócio-educativas se desenvolvem na práxis dos homens, ou seja, ação e reflexão, em que teoria e prática andam juntas e a postura do participante é de quem busca o saber, e não de quem passivamente o recebe. Todo este saber e esta reflexão se referem à realidade, problematizar temas que não venham de encontro com a realidade dos participantes não surte efeitos transformadores. Segundo Freire (1977), “Não há pensamento que não esteja referido à realidade, direta ou indiretamente marcado por ela”.

Para a discussão do grupo sócio-educativo, alguns pressupostos são fundamentais, tais como: a concepção de educação, o papel do educador, o processo de comunicação grupal, a questão do sigilo, e o acompanhamento programático.

2.4 Concepção de Educação.

Entendendo que este tipo de grupo parte de um pressuposto fundamental que é a educação, cabe aqui explicitar o entendimento de alguns autores sobre este assunto.

Educação significa comunicação, diálogo, desde que não se caracterize como transmissão de saber, pois a verdadeira educação só acontece mediante um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados. Além disso, o fator de maior importância à educação, é a problematização da relação homem-mundo, em que os próprios homens são condicionados seus criadores. A educação baseada no depósito de informações constitui um obstáculo à transformação, sendo assim é considerada uma concepção anti-histórica da educação (FREIRE, 1977). Contudo, educar implica na criação de espaços, visando que o próprio educando, localizado no mundo, realize a elaboração do seu ser no âmbito individual e social.

Empreender, ele próprio, à construção de seu ser. Este é o momento da afirmação da subjetividade do educando. É aqui que ele troca a condição de ator de um roteiro determinado por circunstâncias e vontades alheias à sua vontade, pela condição de autor, em medida progressiva, do seu próprio destino (COSTA, 2001, p.54).

O processo educacional é uma ferramenta que possibilita a liberdade e a transformação social. Liberdade no que diz respeito aos sujeitos, e aos grupos que se mobilizam para adquirir novos conhecimentos úteis para sua vivência. Além disso, no âmbito da transformação social, só existe educação quando se consegue mudar a vida dos sujeitos, quando estes são animados a fazer algo diferente que proporcione mudanças favoráveis ao processo de transformação, possibilitando ao sujeito viver de outra forma, porém com melhor qualidade (OLIVEIRA, 1985).

A verdadeira educação transformadora apresenta como foco de atuação a libertação dos sujeitos e não pode fundamentar-se numa compreensão que percebe os sujeitos como seres que não possuem conhecimentos a quem o mundo possa encher de conteúdos prontos. Este tipo de educação não pode ser um depósito de informações, mas necessariamente tem que ser uma educação da problematização dos homens em seu relacionamento com o mundo (FREIRE, 1977).

No processo de ensino aprendizagem, não existe o detentor do saber, todos contribuem com seus conhecimentos, sejam esses científicos ou não. O educador é o mediador das informações e não o palestrante ou expositor de determinado tema. Em um grupo sócio-educativo, os temas são escolhidos pelos próprios sujeitos, e discutidos a partir do interesse deles.

Guimarães (2004) afirma que o trabalho sócio-educativo com grupos poderá desenvolver-se no sentido desejado com maior rapidez e maior amplitude na medida do preparo dos coordenadores.

Esses coordenadores em um grupo sócio-educativo são caracterizados também como educadores e possuem papel fundamental neste processo, não podendo ter uma postura autoritária, que pretende educar os sujeitos, sem considerar suas potencialidades, socializando

informações que não lhes interessam, falando muito mais do que escutando. O educador precisa estar atento a seu verdadeiro papel.

2.5 Papel do Educador

A coordenação de um grupo sócio-educativo é dividida em dois papéis, o papel do coordenador, que pode ser identificado como educador e o papel do observador.

O coordenador fica responsável em auxiliar o grupo no processo de problematização, e o observador apesar de não atuar ativamente, colabora com argumentações técnicas ao observar questões que devem ser pontuadas (GUIMARÃES, 2004).

Sendo o coordenador do grupo sócio-educativo, um educador, este deve intervir tendo um conhecimento real do que é educação. A educação dependendo do projeto ético-político do educador pode ser entendida de várias formas.

O Serviço Social tem como projeto ético-político a garantia de direitos e a justiça social, desta forma sua ação é respaldada pela lei, com o entendimento de que sua intervenção ocorre de forma democrático-participativa. Na qualidade de educador, o profissional não pode fugir a estes pressupostos e precisa ter o entendimento de que a educação é construída, jamais imposta. Os sujeitos sociais precisam e querem ter suas opiniões respeitadas e valorizadas. Se o grupo é para eles, o conhecimento, a discussão e as contribuições têm que surgir deles.

Alguns autores entendem a postura democrática do educador como uma metodologia que deve ser utilizado nos diversos grupos. Sendo que esta metodologia permite o desenvolvimento da discussão das temáticas, ocorrendo a clarificação e a elaboração de síntese, ou seja, “repetindo, levando a precisar o sentido de uma intervenção, esclarecendo e sintetizando o conteúdo” apresentado pelos participantes do grupo, o educador consegue

propiciar “uma tomada de posse das idéias emitidas diante dele”, o que conseqüentemente facilita o caminho do progresso do pensamento coletivo. Assim o educador tem como tarefa difícil procurar sintetizar o pensamento do grupo na medida do possível (AUBRY; ARNAUD, 2003).

Além da postura democrática o profissional de Serviço Social sabe que sua ação não pode ser assistencialista, enquanto educador precisa estar atento a esta questão, pois pode agir de forma equivocada. A relação que existe entre um educador que apenas verbaliza, disserta conhecimento memorizado, constitui uma espécie de assistencialismo educativo, em que as “palavras ocas”, são transmitidas como se fossem presentes. O que caracteriza as formas assistencialistas que pretendem ter o domínio social (FREIRE, 1977).

Ser educador significa fomentar discussões sem impor pontos de vista, entendendo que “ninguém, na verdade, problematiza algo a alguém e permanece, ao mesmo tempo, como mero espectador da problematização”. O próprio educador assume papel de educando nesta relação de ensino aprendizagem, e quanto mais humilde seja na “re-ad-miração” que faça através da “ad-miração” dos educandos, mais apreenderá (FREIRE, 1977).

A tarefa do educador se constitui em problematizar conteúdos aos educandos, e não deve dissertar sobre estes como se fosse “algo já feito, elaborado, acabado, terminado” (FREIRE, 1977).

O educador exerce uma função de grande relevância no grupo, mas sua função não deve ser considerada mais importante do que a dos participantes, no entanto, a função de mediador das relações no grupo, com o propósito de conscientizar os sujeitos, faz do educador um ser pensante que reflete os conflitos a partir de um aparato teórico-metodológico, tentando mediá-los para que os próprios participantes através das experiências vivenciadas consigam entender a lógica do problema e busquem soluções favoráveis.

Esta conscientização consiste em possibilitar ao educando um entendimento sobre si mesmo e o mundo que o circunda (COSTA, 2001). Este entendimento pode ser facilitado ou dificultado pela forma como a linguagem é explicitada, ou seja, o sistema simbólico interfere totalmente neste processo, por isso é tão importante conhecer a realidade social dos sujeitos a quem se pretende desenvolver um trabalho educativo, pois é neste conhecimento que se identifica o sistema simbólico que pode ser utilizado.

2.6 O Processo de Comunicação Grupal: O Sistema Simbólico e a Problematização

Segundo Lima (1970) o crescimento do indivíduo depende da comunicação e esta só é possível no grupo. Todavia, é importante saber que tipo de comunicação é esta que potencializa os indivíduos enquanto cidadãos conscientes.

A comunicação pode ser entendida como, a capacidade que um indivíduo tem para transmitir seus projetos e sentimentos aos outros ao mesmo tempo em que, consegue perceber e compreender os projetos e sentimentos dos outros. É um processo que perpassa a vida de todo o ser humano em suas atividades diárias, podendo ser expressa através da fala, audição, leitura, escrita, gestos, etc. Quanto melhor a comunicação, maior será a probabilidade do grupo adquirir um bom funcionamento (CUNHA; FRELA, 2002).

O discurso é constituído pelo dizer (enunciação-acontecimento) e pelo dito (enunciado-estrutura). Entre o dizer e o dito está o sentido. Há um sujeito e um acontecimento discursivo antes de dizer. O sujeito, [...] é assujeitado pela ideologia (crítica do Materialismo Histórico Dialético) e pelo inconsciente pessoal e social (visão Psicanalítica) (DIAS, 1998, p.63).

Alguns princípios são considerados básicos na comunicação, e o mais importante segundo alguns autores é ter uma postura de diálogo adequada, que se caracteriza como:

A capacidade de escutar o outro antes de responder, de analisar e discutir um problema ou uma realidade antes de julgar ou dar opinião; Capacidade de colocar-se em questão e retificar as próprias posições ou pontos de vista, quando o outro ou o grupo demonstra insuficiências do próprio pensamento (CUNHA; FRELA, 2002, p.91).

No processo de Comunicação, está contido um aspecto muito importante, o Sistema Simbólico, este pode ser identificado como a linguagem utilizada para se comunicar com os sujeitos. Freire acredita que a linguagem técnica do profissional que trabalha com grupos é um ponto dificultador, pois esta linguagem exprime um universo de signos lingüísticos próprios, que pode deixar de ser alcançado pelos participantes. Sendo assim, o autor considera as palestras um método cada vez menos indicado como método eficiente e acredita que o método de problematização do tema diminui “a distancia entre a expressão significativa do técnico e a percepção” do participante em torno do significado. Desta forma, a problematização é a reflexão que alguém exerce sobre um conteúdo, ou sobre o próprio ato, para agir de forma diferenciada, com os demais, na realidade. Sendo assim, busca-se a problematização do homem em sua relação com o mundo, e não apenas do homem em seu contexto isolado. Além disso, a problematização não é um “entretenimento intelectualista, alienado e alienante” que foge da ação e que nega fatos reais, pelo contrário a problematização acha-se “inseparável das situações concretas” (FREIRE, 1977).

Outros aspectos importantes na comunicação são as expressões “fisionômicas”, que se caracterizam como posturas e movimentos corporais, silêncios ou excesso de verbalização, demonstração de tensões, desinteresse, preocupações diversas. Este aspecto oferece elementos

para serem estudados pela coordenação, pois pode indicar a necessidade de abrir espaço para uma reflexão grupal, e desta forma modificar a maneira como está sendo operacionalizado o grupo (GUIMARÃES, 2004).

Segundo Cunha e Frela (2002) existem algumas regras que podem facilitar o entendimento da comunicação nos grupos. São elas:

1. O educador precisa representar-se a si mesmo em suas expressões, falando “eu” ao invés de “nós”;
2. Ao fazer uma pergunta o educador precisa explicar porque a faz;
3. O educador deve ser autêntico em suas comunicações, apresentando ter consciência do que pensa e sente, demonstrando desta forma ter a confiança, a capacidade de compreensão própria e dos outros;
4. O educador deve evitar interpretar a fala dos outros, pelo menos as falas que demonstram clareza em suas idéias, pois ao falar novamente o que fora comunicado, o educador não contribui para o entendimento, apenas atrasa a discussão;
5. O educador precisa agir de forma reservada com relação às generalizações;
6. Se o educador expressar algo sobre o comportamento do participante, deve explicar o porque de sua expressão, pois isto pode ocasionar uma atitude defensiva de quem recebe o comentário, gerando conflitos entre educador e educando;
7. Ao observar que alguns participantes ficam conversando de forma lateral, o educador não deve necessariamente entender está conversa como algo negativo, pois pode haver motivo para isto. Sendo assim, o educador precisa descobrir através de um diálogo aberto qual o motivo, pelo qual as pessoas dialogam separadamente do grupo;

8. Deve-se ordenar as manifestações para que cada participante tenha sua oportunidade de expressão, contribuindo para que nenhum participante sinta-se menosprezado, evitando assim possíveis rivalidades.

Outra contribuição de Cunha e Freire (2002) é a identificação de algumas regras que podem potencializar a participação no grupo. A primeira regra identificada por estes autores, é a disposição das cadeiras, estas devem ser organizadas procurando evitar relações hierarquizadas. A integração no grupo, também aqui identificada como regra, ocorre com mais facilidade se o educador não se exclui ao falar utilizando em seu discurso os “você” ao invés do “nós”. Outra regra é escutar com atenção respeitando as diferentes posturas, o que significa ser tolerante às diferenças. A intervenção do educador deve acontecer de forma construtiva, integrando as idéias ou propostas, utilizando afirmações bem fundamentadas, e mesmo ao discordar de alguma opinião deve evitar expressões como, “não estou de acordo”, pois este tipo de expressão pode criar obstáculos nas “relações interpessoais”. Ainda com relação à intervenção, é importante salientar que durante o encontro do grupo não se perca de vista o objetivo do mesmo, e por mais que surjam discussões diversas o foco central da discussão deve prevalecer. Na intervenção por mais que o educador seja o mediador da problematização, não deve “monopolizar” a discussão, uma vez que o grupo funciona através do diálogo, em que todos fazem parte. A estimulação constitui uma outra regra, esta ajuda a entender que quando o participante fala algo que o educador concorda, ele deve demonstrar de alguma forma interesse pelo que foi expresso, considerando que “as pessoas crescem quando são estimuladas no que tem de positivo”.

Outro aspecto que contribui para a estimulação do grupo é jamais menosprezar os conhecimentos ou contribuições dos que menos intervêm. Por último estes autores afirmam que o educador precisa ajudar o grupo a crescer e para isso ao identificar que seus trabalhos

não estão surtindo os efeitos almejados, deve procurar saber a opinião do grupo, isto é, deve aceitar que sua intervenção seja avaliada, além disso, o educador precisa colaborar para que todos os participantes tenham a oportunidade de se expressar, para tanto é necessário que o educador estimule a participação fazendo perguntas, manifestando interesse pela opinião de todos, colaborando desta forma para que os mais tímidos superem seus “bloqueios” e participem o processo de comunicação. Contudo deve-se ter o cuidado em não forçar alguém a falar, porque o sujeito pode participar simplesmente ao utilizar a audição, o que significa que a comunicação pode ocorrer de várias formas (CUNHA; FRELA, 2002).

2.7 A Questão do Sigilo

Nas diferentes formas de abordagem grupal, a ética é uma característica presente em todas. Tanto o profissional, quanto os componentes do grupo, precisam ter o entendimento do que é ser ético, desta forma o sigilo no grupo torna-se peça indispensável para que este tipo de abordagem ocorra de uma forma técnica e sem maiores constrangimentos.

Como já foi colocado em parágrafos anteriores, o grupo é um espaço em que são expostos, sentimentos, emoções, intimidades, de cada sujeito, por tanto o que é dito dentro do grupo deve obrigatoriamente permanecer naquele contexto.

Os profissionais geralmente têm clareza de seu papel, sabem que o sigilo profissional é parte de sua intervenção, todavia, os participantes não possuem esta mesma clareza, precisando ser conscientizados quanto seu papel de integrante do grupo.

Os Assistentes Sociais têm por dever seguir as determinações do Código de Ética Profissional de 1993, especialmente no que se refere o Artº 2 desta lei.

Em um grupo sócio-educativo, busca-se a criação do vínculo entre os participantes, para que ambos os sujeitos sintam-se responsáveis pelo processo no qual estão inseridos.

Desta forma é estabelecido um contrato entre seus membros, o que significa combinar formas de participação e fixar direitos e deveres dentro do grupo (GUIMARÃES, 2004).

O sigilo das informações é fator que precisa ser trabalhado como elemento que integra o processo grupal, esse assunto é particularmente importante, porque a divulgação de certas revelações feitas durante o grupo, pode implicar, em problemas de segurança para as pessoas que participaram ou não da atividade (GUIMARÃES, 2004).

2.8 Acompanhamento Programático

O acompanhamento programático em um grupo sócio-educativo permite o planejamento e a avaliação contínua das atividades. Este acompanhamento deve ser feito pelos coordenadores do grupo, através da elaboração das programações, observação do processo grupal e registro das informações.

A análise dos registros permite acompanhar o trabalho desenvolvido pelos coordenadores o que possibilita a reflexão crítica e o *feedback* do trabalho dos profissionais e do desenvolvimento do grupo (MORTARA; PARDINI, 2004).

A partir do que fora exposto sobre o Processo de Trabalho do Serviço Social, pode-se concluir, que o Assistente Social, assim como os sujeitos atendidos, são capazes de construir e reconstruir sua história. O Serviço Social modificou sua prática com o intuito de responder as necessidades das demandas emergentes no decorrer da história. Na atualidade, não pode ser considerada uma profissão totalmente autônoma, sendo que sua ação ocorre permeada por correlações de forças, que influenciam sua intervenção, porém, o profissional dispõe de certa

autonomia, que se fortifica quando, estrategicamente consegue definir ações inovadoras a partir dos recursos que tem disponível.

É com este entendimento que será apresentado no próximo capítulo uma ação estratégica do Serviço Social perante as dificuldades apresentadas, esta ação pôde acontecer a partir de uma postura ético-política que buscou através de uma ação educativa potencializar a capacidade dos sujeitos para que pudessem ter uma compreensão crítica da realidade e provocar mudanças nas relações em que são co-participantes.

2.9 Registro das Informações

O Registro das informações deve ser considerado um instrumento indispensável para quem utiliza a abordagem grupal, considerando que através do mesmo alguns pontos importantes da dinâmica do grupo podem ser identificados, sendo assim, podem ser analisadas “questões objetivas levantadas anteriormente e que, também fazem parte do processo de reflexão/escolha do método”. Os registros permitem ainda identificar aspectos subjetivos e objetivos e qualiquantitativos da ação. Devem ser observados para o registro algumas “representações, experiências pessoais e sociais reveladas através das falas, expressões olhares entre outros”. Esses aspectos podem auxiliar a coordenação, pois possibilitam a identificação de “questões a serem mais bem trabalhadas/ resgatadas” durante o processo de trabalho com grupo. Nem sempre é possível padronizar a forma de se fazer os registros, porque a sua configuração é determinada pelo entendimento e necessidade de cada coordenador (ROMEIRO; ALMEIDA; DOMINGUES, 1992).

2.10 Planejamento

O planejamento na abordagem grupal possibilita que o coordenador possa visualizar todo o processo que pretende executar, auxiliando a coordenação a conduzir os trabalhos, funcionando como um roteiro que pode sofrer modificações, se assim o grupo achar necessário.

O termo “planejamento”, na perspectiva lógico-racional, refere-se ao processo permanente e metódico de abordagem racional científica de questões que se colocam no mundo social.[...] supõe ação contínua sobre um determinado conjunto dinâmico de situações [...] supõe uma seqüência de atos decisórios, ordenados em momentos definidos e baseados em conhecimentos teóricos, científicos e técnicos. [...] o planejamento refere-se, ao mesmo tempo, à seleção das atividades necessárias, [...], à decisão sobre os caminhos a serem percorridos [...], ao acompanhamento da execução, ao controle, á avaliação e aa redefinição da ação (BAPTISTA, 2002, p.13).

Portanto, é possível considerar que o planejamento para as diversas profissões especialmente para o Serviço Social é uma ferramenta que não deve ser esquecida ao implementar e implantar um projeto, especificamente quando se trata de desenvolver uma atividade de grupo, pois se pode correr o risco de realizar um trabalho solto, sem objetivos, que é feito ao acaso. A não utilização deste instrumento pode ocasionar a não cientificidade da ação.

2.11 Técnicas de Dinâmica de Grupo

As técnicas de dinâmica de grupo têm como proposta uma atividade que visa através da sensibilização uma maior harmonização entre os integrantes de um grupo, durante o processo de aprendizado. Possui uma estrutura peculiar, uma disposição particular do grupo, um processo específico que deve ser sempre mediado pela participação dos coordenadores. As técnicas de dinâmica de grupo precisam ser ao mesmo tempo reflexivas e lúdicas. Reflexivas, porque precisam levar os educandos a repensarem suas posturas e os preconceitos em relação a si e aos outros, em seu processo de vida, e lúdicas porque o aspecto prazeroso é importante para motivar o aprendizado. As dinâmicas caracterizadas aqui como de enriquecimento interpessoal tem como finalidade desenvolver um melhor inter-relacionamento entre os educandos, promovendo interações positivas (VITIELLO, 1997).

Sobre dinâmica de grupo, pode-se entender ainda que a expressão dinâmica se refere às forças exercidas nos diversos grupos, estas forças caracterizadas como: “movimento, ação, interação, reação, mudança e transformação”, induzem a maneira como os grupos se comportam, constituem o caráter dinâmico dos grupos, e para entender a dinâmica de um grupo é preciso ter a compreensão das forças que provocam o comportamento do grupo, para assim identificar os aspectos particulares dos integrantes e do próprio grupo (CUNHA; FRELA, 2002).

CAPÍTULO III

3 PROJETANDO A EXPERIÊNCIA COM GRUPO SÓCIO-EDUCATIVO

3.1 Caracterização do Grupo

A partir da discussão sobre grupo sócio-educativo, será projetada agora uma experiência com este tipo de atividade, objetivando demonstrar uma ação estratégica do Serviço Social que conseguiu em todo o processo fazer uma ligação entre a teoria e a prática.

O grupo sócio-educativo aqui apresentado ocorreu a partir de uma proposta interdisciplinar em que o Serviço Social e a Psicologia uniram-se para a implementação e implantação da atividade.

Esta proposta pressupõe construir uma nova visão, procurando respeitar o conhecimento e a prática já produzidos em cada disciplina, buscando desenvolver ações de cunho interdisciplinar, que “reflitam a experiência de trabalho sócio-educativo” (CAVALCANTE; MORTARA, 2004).

A interdisciplinaridade pôde ser entendida:

“[...] como postura profissional que permite se pôr a transitar o ‘espaço da diferença’, com sentido de busca, de desvelamento da pluralidade de ângulos que um determinado objeto investigado é capaz de proporcionar, que uma determinada realidade é capaz de gerar, que diferentes formas de abordar o real podem trazer. [...] A perspectiva interdisciplinar não fere a especificidade das profissões e tampouco seus campos de especialidade. Muito pelo contrário, requer a originalidade e a diversidade dos conhecimentos que produzem e sistematizam acerca de determinado objeto, de determinada prática, permitindo a pluralidade de contribuições para

compreensões mais consistentes deste mesmo objeto, desta mesma prática” (RODRIGUES, in MARTINELLI, et al., 1995, p. 156-7).

Ao implementar e implantar o grupo sócio-educativo a interdisciplinaridade possibilitou que o Serviço Social e a Psicologia trocassem informações e conhecimentos sobre a abordagem. Mais do que a troca, este trabalho interdisciplinar viabilizou a transferência de métodos de uma disciplina para outra, o que resultou em um conhecimento mais amplo da intervenção. Assim, as disciplinas passaram por um processo de interação que promoveu a união de conhecimentos, elevando desta forma os níveis de saber. Esta construção possibilitou que as áreas de atuação pudessem ultrapassar os limites de seus respectivos domínios; favorecendo desta forma o alargamento e a flexibilização dos conhecimentos.

É um compromisso ético inadiável: ler a realidade social que se apresenta de forma crítica. “Romper barreiras disciplinares, utilizando-se, sabiamente, da solidez inegável que elas comportam para engendrar o interdisciplinar, considerando o mais pelo exercício e elogio à diversidade e os tempos de cada um” (CASCINO, 1999 *apud* CAVALCANTE; MORTARA, p.93).

Para a realização de um grupo sócio-educativo os coordenadores, precisam tanto de preparo teórico-metodológico, como de condições institucionais para que a intervenção ocorra. Na realização deste grupo foram necessários alguns recursos que a instituição pode oferecer. Os recursos humanos utilizados foram: 01 Estagiária de Serviço Social e 01 estagiária de Psicologia educacional, sendo supervisionadas por uma Assistente Social e por uma Psicóloga. E os recursos materiais foram: 01 filmadora; 01 computador; 01 impressora; 01 aparelho de som; 01 TV/ vídeo cassete; 01 máquina fotográfica; A Infra-estrutura utilizada

foi: sala e auditório para reuniões, bem como o apoio logístico necessário ao bom andamento do projeto (alimentação, deslocamento, limpeza).

3.2 Contexto Institucional e os Antecedentes do Grupo

A Prefeitura Municipal de São José - SC, por intermédio da Secretaria de Desenvolvimento Social do município citado, mantém o Centro Integrado de Atendimento à Criança, ao Adolescente e à Família (CIACAF) – “Cidade da Criança”.

Esta Política Social Pública de Assistência Social, objetiva atender a Criança o Adolescente e sua Família, foi criada em 2001 objetivando uma dinâmica integrada, no mesmo molde do Projeto Criança SIM (Sistema Integrado Municipal) criado em 1997.

Os recursos financeiros provêm do Orçamento Municipal, dos Convênios Estaduais e Federais, do Fundo Municipal da Assistência Social - FMAS, Fundo Municipal da Infância e da Adolescência – FIA.

A demanda percebida, a partir dos atendimentos prestados nos Programas do Projeto Criança SIM, evidenciou a necessidade de um atendimento multidisciplinar, que culminou com a criação da Cidade da Criança.

A inserção do Serviço Social na Instituição acontece desde a implantação do projeto Criança SIM, com o objetivo de atender à demanda apresentada pelo referido projeto. Com a participação dos profissionais de Serviço Social o Projeto Criança SIM sofreu modificações transformando-se na Cidade da Criança, que é composta pelos atuais Programas:

- Centro de Referência Sentinela;
- Programa Apoio Sócio-Educativo em Meio Aberto;

- Programa Família Cidadã;
- Programa Liberdade Assistida;
- Programa Prestação de Serviços à Comunidade;
- Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – PETI.

Todos os Programas citados são de fundamental importância para a garantia dos direitos da demanda atendida na Cidade da Criança. Para maior entendimento do contexto institucional foi colocado anexo o organograma da instituição.

A intervenção a partir da abordagem de grupo sócio-educativo, pôde ser realizada no Programa de Apoio e Orientação Sócio-Familiar do município, durante o período de Estágio Curricular Obrigatório.

Este Programa é denominado de Programa Família Cidadã e tem por objetivo atender as exigências do Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.069, artigo 90, Inciso I. É um Programa de âmbito municipal, cujo público alvo: são famílias de crianças e adolescentes de faixa etária até dezoito anos, que residem no município de São José/SC, e vivenciam dificuldades sócio-econômicas, conflitos individuais, intrafamiliar e sócio-comunitários, que comprometem a garantia dos seus direitos enquanto cidadãos. A missão do programa Família Cidadã é fortalecer as famílias, para que sejam “fontes geradoras diretas de proteção a seus membros” (SÃO JOSÉ, 2002). Os recursos que viabilizam o funcionamento deste Programa são: Fundo Municipal da Assistência Social – FMAS e Fundo Municipal da Infância e da Adolescência – FIA.

A equipe do Programa Família Cidadã desenvolve suas atividades de forma democrático-participativa o que possibilita com que todos os seus integrantes participem das decisões que acarretam ou não, mudanças no Programa.

Atualmente a equipe do Programa é composta por três Assistentes Sociais, uma Psicóloga e uma estagiária de Serviço Social.

A maneira como o Programa Família Cidadã se organiza, juntamente com o fato de ter realizado Estágio Curricular Obrigatório neste local, possibilitou que o Projeto de Intervenção pudesse ser implementado e implantado. Este entendido como estratégia de ação viabilizadora da missão do Programa Família Cidadã, teve por objetivo desenvolver uma intervenção através da abordagem grupal na perspectiva das ações sócio-educativas.

Em 2002 o Programa Família Cidadã, juntamente com outras instancias da “Cidade da Criança”, passou a utilizar como proposta de intervenção a abordagem grupal. Esta primeira experiência foi denominada de Projeto Acolher.

Após término deste, em 2003, a equipe entendendo a importância deste tipo de abordagem desenvolveu um outro trabalho de grupo, que teve como público de atuação, pais e responsáveis de crianças e adolescentes inseridos na demanda do Programa Família Cidadã.

Dando continuidade a este tipo de abordagem, foi desenvolvido um outro grupo desta vez mais qualificado, pois as experiências nas atividades anteriores possibilitaram o aprimoramento desta prática.

Este último grupo foi identificado como grupo sócio-educativo, sua implantação ocorreu no início de 2004, e seu término ocorreu após seis meses.

A idéia de implementar e implantar o grupo surgiu a partir de um projeto de intervenção elaborado pela estagiária de Serviço Social.

Ao negociar a proposta de trabalho com os técnicos da instituição, percebeu-se o interesse pela continuidade da utilização deste tipo de abordagem, porém, naquele período a instituição passou por momentos de mudanças administrativas, o que de certa forma gerou preocupação, pois se tinha o receio de que fosse dado início ao projeto, mas que devido às mudanças não poderia ter continuidade.

Como contribuição para este processo de trabalho, o Serviço Social pôde contar efetivamente com o apoio de uma estagiária de psicologia educacional, o que resultou na implantação efetiva do projeto.

3.3 Proposta do Grupo Sócio-educativo

A proposta do grupo sócio-educativo teve como objetivo geral, oportunizar aos sujeitos, uma reflexão crítica sobre questões que perpassam suas vidas diárias, buscando a melhoria do relacionamento intrafamiliar, da convivência sócio-comunitária, enfocando a justiça social e a garantia de direitos.

Para direcionar esta intervenção, foram delimitados alguns objetivos específicos, como:

- Proporcionar dinâmicas/vivências que levem à valorização de si próprios;
- Viabilizar encontros temáticos voltados para o relacionamento intrafamiliar, com momentos exclusivos para a discussão de questões pertinentes à realidade de cada sujeito;
- Possibilitar discussão referente à questão dos direitos, utilizando como instrumentos de debate: o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Constituição Federal de 1988, Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS) e o SUS;
- Refletir sobre a importância de um grupo e a mobilização comunitária;

3.4 Sujeitos Participantes e Critérios de Seleção

O público alvo do Programa Família Cidadã, como já foi explicado é composto por crianças, adolescentes e sua família.

Os sujeitos participantes do grupo pertencem a grupos familiares que vivem em São José – SC, perpassam por situação de vulnerabilidade social, residem em local de difícil acesso, não tem residência própria sendo que seus domicílios não são legalizados. Apresentam situação sócio-econômica que inviabiliza a garantia de condições básicas de sobrevivência.

A comunidade de que fazem parte apresenta questões de violência e drogadição, além de questões como gravidez na adolescência, elevado número de filhos por família, conflitos intrafamiliar, desemprego e baixa escolaridade.

A coordenação do grupo, juntamente com a equipe do Programa Família Cidadã, decidiu que o grupo sócio-educativo possibilitaria uma intervenção diferenciada com os pais e responsáveis das famílias que compõem a demanda do referido Programa. A família pode ser entendida como:

[...] um núcleo de pessoas que convivem em determinado lugar durante um lapso de tempo mais ou menos longo e que se acham unidas (ou não) por laços consangüíneos. Ele tem como tarefa primordial o cuidado e a proteção de seus membros, e se encontra dialeticamente articulado com a estrutura social na qual está inserido (MIOTO, 1996 apud, MIOTO, 1998, p.21).

Desta forma, ficou decidido que o grupo teria suas atividades direcionadas para pais e responsáveis das crianças e adolescentes inseridos no referido Programa.

A demanda do Programa era abrangente, para definir os sujeitos participantes, foram adotados como critérios de seleção, os seguintes aspectos:

- Interesse na proposta;
- Disponibilidade de tempo para participar;
- Situação vivenciada pela família, que viesse de encontro à proposta;
- Indicação da equipe técnica.

3.5 Estratégias de Ação

As estratégias de ação foram delimitadas no decorrer na implantação do grupo, sendo que a cada avaliação feita junto aos participantes, foram identificados alguns fatores que poderiam inviabilizar a participação. Sendo assim, a coordenação do grupo juntamente com a equipe técnica do Programa Família Cidadã decidiram adotar as seguintes estratégias de intervenção grupal:

Atendimentos Individuais: Ao final dos dois primeiros encontros do grupo, o Serviço Social atendeu os participantes individualmente, todavia, essa estratégia causou tumulto, porque o tempo de duração desses atendimentos foi insuficiente, uma vez que, todos demonstraram interesse em participar. Preocupada com a ineficiência desses, a coordenação passou a agendá-los antecipadamente;

Viabilização de Transporte: Outra estratégia adotada foi a viabilização de transporte para os que residiam em local de distante e de difícil acesso. Essa estratégia incentivou e possibilitou a participação, dos sujeitos que não possuíam condição financeira suficiente para o transporte;

Atenção às crianças: Aos pais que não tiveram a possibilidade de deixar seus filhos em casa, foi providenciado local para as crianças ficarem, sob os cuidados de uma Psicóloga;

Lanche aos participantes: Em todos os encontros houve a preocupação de viabilizar lanche aos participantes, considerando que devido à situação de vulnerabilidade social, não dispõem

de alimentação suficiente para suprir suas necessidades. Promover os encontros sem um incentivo neste sentido significaria desconsiderar a realidade social dos mesmos;

Mobilização Contínua: Trabalhar com sujeitos sociais exige muita força de vontade e determinação, e num processo de trabalho a partir da abordagem grupal, precisa-se de mobilização contínua, seja por contato telefônico, em atendimentos individuais, ou visitas domiciliares. Entendendo que para todo sujeito social, propostas novas de trabalho causam estranhamento e em alguns momentos, desmotivação, a mobilização contínua foi considerada pelos profissionais um fator importante.

3.6 Metodologia

A metodologia pode ser entendida como, uma construção teórico-prática, em que se expressam concepções de mundo, sociedade e homem, ao mesmo tempo em que se elaboram propostas e ações concretas de intervenção sobre o real (CAVALCANTE, MORTARA, 2004).

Com este entendimento as atividades planejadas e desenvolvidas pelo Serviço Social juntamente com a Psicologia para a elaboração e execução do projeto de intervenção, foram norteadas pela construção de uma metodologia socioeducativa da autonomia. A metodologia foi direcionada com o intuito de estrategicamente proporcionar ao sujeito participante, autonomia em suas ações, para que enquanto cidadão consciente de sua condição, possa tomar decisões que contribuam para a melhoria de sua qualidade de vida e dos sujeitos que o circunda, além disso, esta metodologia pôde ser caracterizada como democrática.

Desta forma, os sujeitos em todo o processo de trabalho, foram co-participantes desta construção do saber, e não meros espectadores.

A metodologia teve como foco principal de intervenção a problematização das temáticas escolhidas pelos sujeitos, o que direcionou todo o planejamento e execução desta atividade.

As temáticas foram escolhidas no primeiro encontro do grupo. Objetivando identificar interesses e dificuldades que os participantes encontram para entender e solucionar questões referentes às temáticas.

Como em atividades com pessoas sempre é necessário algo que aqueça e motive a participação, procurou-se no desenrolar dos encontros por em prática algumas técnicas de dinâmica de grupo que facilitassem o entrosamento entre os sujeitos na discussão dos temas.

Além disso, o grupo precisa ser um momento agradável, com certa dose de humor, para que mesmo ao tratar de assuntos extremamente sérios os sujeitos possam sentir-se relaxados, à vontade, para socializar angústias e experiências que podem contribuir para o aprendizado coletivo. Para facilitar a comunicação entre os sujeitos e provocar a discussão sobre a temática, foram delimitadas algumas atividades como: jogos, exercícios, palestras, debates, teatros, músicas, poesias, danças, desenhos, filmes, receitas, vivências, dinâmicas. Todas estas atividades foram elaboradas a partir do estudo sobre cada temática e sua correlação com a demanda, o que significou desenvolver atividades que viessem de encontro à realidade dos sujeitos, como, por exemplo, as atividades de leitura ou escrita, que precisaram ser cuidadosamente avaliadas, pois ao conhecer a demanda percebeu-se alguns fatores que poderiam inviabilizá-las, considerando que muitos participantes eram analfabetos. Algumas atividades não vêm de encontro à realidade dos sujeitos e ao invés de motivar a participação dos mesmos, podem provocar desinteresse.

O grupo sócio-educativo foi caracterizado como um grupo aberto, o que permitiu agregar mais formas de conhecimento, possibilitando uma maior construção crítica/reflexiva do saber.

Os encontros aconteceram primeiramente de forma quinzenal, mas a pedido dos sujeitos, passaram a acontecer em duas semanas seguidas, com intervalo de uma semana.

A abordagem grupal foi organizada em nove encontros, que teriam duração de seis meses. Apesar do Projeto de intervenção ter sido elaborado anteriormente a sua implantação, os encontros foram planejados no decorrer do processo, sendo que para cada programação foi necessária uma avaliação do encontro anterior, o que possibilitou a identificação das necessidades dos sujeitos. Ocorrendo desta forma uma metodologia voltada para a realidade dos participantes.

O Acompanhamento Programático facilitou tanto a realização dos encontros como a avaliação dos mesmos, desta forma acredita-se que programar, mais do que delinear funções e objetivos, promove o desenvolvimento da abordagem grupal, de forma efetiva e de acordo com os moldes científicos.

Depois de feita as considerações sobre a estrutura do grupo sócio-educativo, será relatado a seguir a maneira como o grupo aconteceu, enfatizando a organização, dinâmica e construção do referido. Para tanto algumas ilustrações dos encontros do grupo serão apresentadas, incluindo nesta, as falas dos próprios participantes. Cabe ressaltar que nas ilustrações estão presentes as categorias que compõem o grupo, como, a participação, dinâmicas e vivências utilizadas, atuação das coordenadoras, em fim, a estrutura do grupo sócio-educativo sendo compreendida através da prática.

3.7 Desenvolvimento da Abordagem Grupal

A Abordagem Grupal na perspectiva das ações sócio-educativas pôde ser desenvolvida a de acordo com metodologia apresentada, sendo que o Acompanhamento Programático, foi elaborado a partir da definição de 5 (cinco) momentos específicos, que se classificam em:

- 1º Momento – Acolhida e Avaliação dos Sujeitos;
- 2º Momento – Comunicados;
- 3º Momento – Técnicas de Dinâmica de Grupo
- 4º Momento – Confraternização final;
- 5º Avaliação dos Educadores.

Objetivando demonstrar a importância de cada momento, será apresentada abaixo uma breve explicação sobre cada um deles.

3.7.1 1º Momento – Acolhida e Avaliação

A Acolhida é o primeiro momento de encontro entre os educadores e os educandos, caracterizando-se como momento inicial de criação do vínculo. A forma como a acolhida acontece influencia diretamente o desenvolvimento do encontro. Por tanto, precisa ser utilizada com o intuito de demonstrar ao sujeito a importância de sua participação, valorizando o esforço e o comprometimento do mesmo. Essa demonstração pode ocorrer tanto através da fala quanto através do comportamento, um exemplo, seria dizer que, ninguém acolhe ao outro de forma mal humorada, por mais que se diga que a presença é importante a postura profissional é o que define a efetivação desse momento.

Concluída a etapa da acolhida um outro aspecto a ser trabalhado é a questão do sigilo. No primeiro encontro do grupo a questão do sigilo é explicada minuciosamente, para que os participantes compreendam a responsabilidade que têm enquanto integrantes desse grupo. Além disso, definir um contrato de sigilo, garante a seriedade do processo, pois impede a divulgação de informações não autorizadas.

Nos encontros subseqüentes a questão do sigilo continua a ser trabalhada, todavia com objetivo não mais de explicar e sim lembrar a todos sobre a responsabilidade que possuem quanto ao que foi decidido coletivamente.

Um outro aspecto deste 1º momento é a avaliação. Segundo Osório (2000), a fonte de aprendizagem passa gradativamente a ser não só o que acontece no “aqui-e-agora” das interações pessoais dentro do grupo, mas da avaliação conjunta desta experiência. A avaliação e tem por objetivo avaliar os encontros anteriores e verificar o quanto às temáticas problematizadas foram aprendidas e apreendidas pelos participantes. Na medida em que os mesmos são convidados a falar sobre o que vivenciaram, começam a fazer parte do processo educativo, não somente como educandos, mas também como educadores, pois ao socializar as informações adquiridas contribuem fortemente para a efetivação do conhecimento crítico sobre as temáticas. No primeiro encontro do grupo esta avaliação não é feita, sendo que, a avaliação dos sujeitos sobre o grupo é referenciada aos encontros anteriores.

A seguir será apresentado um exemplo do desenvolvimento deste 1º momento no segundo encontro do grupo sócio-educativo.

Exemplo:

Relatório e Análise do 2º Encontro do Grupo Sócio-Educativo²: 1º Momento - Acolhida e Avaliação.

² Relatório e Análise do 2º Encontro do grupo Sócio-educativo, elaborado pelas estagiárias Izaiane L. Motta – Serviço Social, e estagiária Giovana Feijó – Psicologia Educacional no primeiro semestre de 2004.

Como em todos os encontros o primeiro passo neste dia foi à acolhida, em que os sujeitos foram acolhidos com simpatia.

Por ser um grupo aberto, novos participantes vieram pela primeira vez neste encontro, a eles foi dado boas vindas, tanto por parte dos coordenadores quanto por parte dos sujeitos já integrantes do grupo.

Dando continuidade, um fator, não pode ser esquecido, o compromisso ético, em diálogo com os sujeitos, foi firmado o contrato do sigilo dentro e fora do grupo. Entendendo que tudo o que fosse visto ali, escutado ali, e falado ali, deveria permanecer naquele contexto, porque o objetivo do grupo é uma troca de aprendizados, e o relato das experiências deve ser utilizado apenas com a finalidade de aprender, jamais com a finalidade de prejudicar o outro.

Depois de firmado o compromisso, foi feita avaliação verbal do encontro anterior, as pessoas que participaram do último encontro falaram um pouco da experiência, socializando aos que não participaram o conhecimento que adquiriram, fazendo considerações sobre os pontos negativos e positivos do último encontro.

Com esta reflexão os próprios sujeitos acabaram participando ativamente do processo educativo, pois ao falar sobre o encontro anterior apresentaram seus pontos de vista sobre as questões discutidas.

3.7.2 2º Momento – Comunicados

Este se caracteriza como momento de repasse de informações, referentes à realização do grupo e atividades complementares.

A delimitação deste momento deve-se a necessidade de haver um tempo específico para comunicar assuntos que sejam importantes para o grupo, mas que não tenham

necessariamente ligação com a temática do encontro, acredita-se que este momento deve acontecer antes do processo de discussão da temática do dia para não interromper a concentração do grupo.

Nesse momento, ocorre ainda à apresentação da temática, como introdução para iniciar o processo de problematização da mesma.

A seguir será apresentado um exemplo desta atividade:

Exemplo:

Relatório do 2º Encontro do Grupo Sócio-Educativo - 2º Momento: Comunicados³

Foi comunicado ao grupo que conforme decidido no primeiro encontro, a temática a ser trabalhada neste dia, seria a temática das drogas, foi informado ainda que a coordenação a partir do que fosse discutido no encontro iria elaborar um folder que resumisse o aprendizado do dia, isso se assim o grupo concorda-se. Conforme concordância dos sujeitos, a coordenação firmou este compromisso.

Foi explicado ainda que nenhum sujeito participante seria obrigado a falar, se não sentisse vontade para isto.

3.7.3 3º Momento – Técnicas de Dinâmica de Grupo

As técnicas de dinâmica de grupo são realizadas a partir de um tema previamente definido pelos sujeitos participantes. São inúmeras as formas de motivar a discussão das temáticas no grupo, nesse projeto de intervenção, foram escolhidas algumas técnicas de dinâmicas de grupo como: jogos, teatros e músicas.

³ Idem p. 56.

Para melhor operacionalizar as atividades escolhidas, foram delimitadas algumas etapas. São elas: o aquecimento, desenvolvimento e reflexão da atividade.

No aquecimento objetiva-se por em prática a atividade, seja ela um jogo, uma dança, etc, com o intuito de apresentar ao grupo a temática de forma pouco explicativa, e com informações variadas. Além disso, esta etapa procura trabalhar o conhecimento que os sujeito já tem sobre a temática. Depois de realizá-la inicia-se a organização de idéias a cerca do assunto que começa a ser problematizado.

O desenvolvimento da atividade caracteriza-se como momento de organização das informações socializadas, em que o educador busca sintetizar os conhecimentos, com o propósito de pontuar os aspectos mais importantes da discussão.

Depois de definir esses aspectos, inicia-se o momento da reflexão, que se divide em duas etapas, a primeira é a discussão da temática como problema social, neste momento ocorre uma troca de experiências, em que cada participante expõem sua opinião ou vivencia, sobre o que fora exposto. Em seguida o grupo é convidado a refletir sobre o apontamento de soluções para a questão problematizada.

Abaixo será apresentado um exemplo deste tipo de atividade:

Exemplo:

Relatório do 2º Encontro do Grupo - 3º Momento: Dinâmica de Grupo⁴

Aquecimento: Em uma cartolina foi escrito o termo **DROGA**, foi pedido aos participantes que citassem algumas palavras que conheciam, relacionadas à temática. Estas palavras foram transcritas pela observadora em uma cartolina, que foi deixada a mostra no mural da sala, para uma posterior comparação e avaliação com um segundo cartaz que seria elaborado no próximo encontro. Este processo implica em avaliar o grau de conscientização do que foi aprendido e apreendido pelo grupo.

⁴ Idem p. 56.

- Houve participação de todos com bom entusiasmo. A seguir alguns exemplos de frases e palavra Mal que causa no organismo,
- Saúde debilitada,
- Medo com relação aos filhos; que eles possam fazer uso das drogas,
- Violência,
- Conflito familiar
- Drogas levam a morte
- Desrespeito,
- Exclusão,
- Dependência,
- Agressividade,
- Família abandona o usuário,
- Falta de apoio,
- Falta de carinho dos pais,
- Falta de dialogo,
- Dependente não aceita ajuda.

Antes de começar esta atividade, foi solicitado os participantes que refletissem sobre o que cada um poderia fazer para tentar reverter um pouco a problemática das drogas no meio social.

“Pois se não podemos mudar o mundo o que poderíamos então fazer para mudar um pouco da nossa realidade pessoal, familiar e comunitária em relação aos prejuízos que as drogas trazem?” (fala do educador).

Continuando a etapa do aquecimento, o grupo foi organizado em círculo, com o objetivo de facilitar a comunicação dos participantes. Foram colocadas no chão algumas fichas contendo figuras de vários contextos de vida (igreja, tipos de famílias, casamento,

namoro, amizade, violência e outros). Os participantes andaram ao redor das figuras para que pudessem olhar todas. Foram convidados a escolher alguma figura que tivesse relação com a temática das drogas. Duas pessoas não pegaram as figuras.

As figuras escolhidas foram: pessoas fumando, cigarros no cinzeiro; bebidas alcoólicas; pessoas bebendo, reunião de família, pessoas fazendo esporte, comidas e outros.

Os sujeitos foram convidados a falar sobre as figuras que escolheram, explicando qual a relação entre aquelas figuras e o mundo das drogas.

Nesta etapa de aquecimento todos participaram das atividades. Uma pessoa manifestou interesse para ler os conteúdos da carta. Porém, apesar das perguntas e respostas das cartas serem razoavelmente fáceis e de serem lidas, quando pedido para quem pudessem estar respondendo alguma pergunta houve pouca participação. Com isto pode-se perceber a dificuldade que eles tem de formular resposta, não necessariamente demonstra o não aprendizado.

Abaixo estão descritas falas de alguns participantes que participaram ativamente deste processo educativo.

Desenvolvimento: Neste momento o educador elaborou uma síntese dos discursos apresentados, dando início a etapa da reflexão. Nesta elaboração o educador procurou abordar os discursos que estivessem mais direcionados ao foco da problematização da temática do dia.

Reflexão:

Discussão sobre o problema:

X - São feitas propagandas enganosas, incentivando as pessoas a usar a droga. Eu não fumo e nunca fumei, tenho bastante experiência na minha família. Tínhamos de tudo, quando os filhos começaram a crescer a família começou a se desunir. Todo vício começa pelo cigarro e a bebida.

Y - Não é fácil largar sozinho.

I - a pessoa tem que se ajudar e ser ajudada.

L - eu gastava cerca de R\$ 6,00 ao dia no craque. Eu disse que eu ia largar e larguei. A pessoa que não se ajuda entra em depressão.

A - a droga é uma ilusão eles colocam no mundo para matar a gente.

W - os filhos não estão em casa, os pais não sabem onde estão. É bom estar atento à mudança de comportamento dos filhos.

P - amigo tem de sobra mais para ajudar alertar, não tem nenhum.

Proposta de soluções:

P - Dizer para os filhos nunca experimentar, assim o filho vai aprender a se defender quando estiver longe dos pais.

Y - Se for experimentar corre o risco de se acostumar com a substancia.

A - Eu não sei o que vai acontecer com os meus filhos, mais o que a gente aprende aqui deve ensinar para eles.

W - O melhor é ajudar um ao outro.

E - Tem que ter carinho para falar com as pessoas.

F - Colocar o filho no esporte numa natação. Minha filha tem 8 anos eu não sei se alguém vai oferecer drogas para ela tenho medo.

S - Todos os pais que têm filho adolescente têm que incentivar, a gente vence, é uma vitória muito maravilhosa, se a gente conseguir fazer para os nossos filhos o que nossos pais não fizeram por nós.

V - Hoje temos mais oportunidades, temos que lutar, não desistir, a família tem que estar sempre unida.

K - A maioria dos filhos não querem escutar conselhos. Fui uma menina de família pobre e mesmo com as drogas onde eu vivia, eu não usei.

C - O mundo hoje oferece coisas de graça, que são direitos. Pai e filho têm que lutar por esses direitos.

N -A gente pode fazer muito, eu posso ser um amigo que influencia para o bem.

3.7.4 4º Momento – Confraternização final

Para que as relações dentro do grupo sejam facilitadas, é necessária a utilização de momentos de integração, sendo assim, ao final de cada encontro foi feita uma confraternização entre os educandos, com a finalidade de fortificar o vínculo e motivar a liberdade de expressão.

Em cada encontro foi oferecido um lanche, sendo que os encontros tinham duração de cerca de 2h e 30 minutos, o momento para o lanche incentivava a participação.

Ao final dos encontros, além do lanche, eram tocadas algumas músicas, ou feitas algumas dinâmicas de motivação, visando a maior integração entre os sujeitos.

3.7.5 5º Momento - Avaliação dos Educadores

A avaliação está presente em todo o desenvolvimento de uma atividade, desde o planejamento até a finalização da mesma. A avaliação pode ser caracterizada como a negação do passado e do realizado para sua superação (BAPTISTA, 2002).

Esta avaliação ocorreu após o término de cada encontro, em que as coordenadoras avaliaram a participação dos sujeitos e sua própria participação. Ao final do

desenvolvimento do grupo pode ser feita uma avaliação geral do grupo, esta será apresentada a seguir.

Exemplo:

Avaliação Geral do Grupo

Os educandos entenderam seu papel na sociedade, compreenderam que são co-responsáveis pelo contexto em que estão inseridos, refletiram sobre questões adversas que vivenciam, identificaram possibilidades de mudança. Em todos os momentos os sujeitos foram orientados sobre seus direitos e deveres enquanto cidadão. Não somente foram co-responsáveis como também identificaram a co-responsabilidade dos outros. Saíram da situação de alienação perante o mundo e de forma crítica apontaram mudanças possíveis. Manifestaram mudança de comportamento, elevação da auto-estima e criação de vínculo entre os integrantes, coordenadores (educadores) e equipe técnica do Programa Família Cidadã.

3.8 Análise da Intervenção Profissional a partir da Utilização de Grupos

Tendo como base à experiência desenvolvida no Programa Família Cidadã, e bibliografias utilizadas, pretende-se neste item realizar uma breve análise pertinente ao grupo sócio-educativo. Para tanto se discute alguns aspectos relacionados à proposta do grupo, como a natureza desta proposta, os sujeitos participantes, a estrutura e tipos de participação; a metodologia utilizada, bem como os resultados alcançados.

Com relação à intervenção grupal, pode-se dizer que esta se caracterizou como uma ação socioeducativa na medida em que buscou através do conhecimento das crenças, idéias e sentimentos dos educandos, provocar mudanças através da reflexão sobre cada temática

problematizada, enfatizando a socialização de informações sobre os direitos e deveres de cada cidadão, a justiça social e a cidadania. Caracterizou-se ainda, como grupo motivado, considerando que o mesmo aconteceu devido à motivação de um agente exterior, aqui identificado como Programa Família Cidadã. Este grupo aconteceu a partir de uma proposta interdisciplinar em que o Serviço Social e a Psicologia interagiram na implementação e implantação da abordagem, com o entendimento de que a visão que cada disciplina traz referente à abordagem grupal demonstra particularidades indispensáveis para o conhecimento da realidade humana. O grupo sócio-educativo caracterizou-se como um grupo aberto e heterogêneo em que pais e responsáveis participaram de forma contínua e descontínua.

Quanto aos sujeitos participantes, estrutura e tipos de participação, é possível afirmar que conforme planejamento do grupo, os sujeitos participantes foram pais e responsáveis de crianças e adolescentes que estavam inseridos na demanda do Programa Família Cidadã. Estes sujeitos foram co-participantes de todo o processo e no momento da avaliação demonstraram ter compreensão das temáticas discutidas, e contribuíram ativamente para o enriquecimento da discussão coletiva. Foi perceptível a compreensão crítica sobre alguns assuntos, mesmo antes de certas discussões os participantes já demonstravam ter grande entendimento sobre os temas, desta forma tanto educandos quanto educadores puderam aprimorar o conhecimento crítico da realidade. Sendo assim, conforme os pressupostos de Freire discutidos no capítulo II, neste grupo não houve o detentor do saber, pois todos participaram da relação de ensino-aprendizagem. Constatou-se através da observação que os membros do grupo apresentaram a necessidade de sentirem-se verdadeiramente incluídos e valorizados pelos demais participantes e coordenação, estes comportamentos podem ser entendidos conforme Schutz (1977), como necessidade de inclusão e necessidade de afeição. Este grupo apresentou uma inclinação para mudança (LEWIN, 1943), porque os sujeitos apresentaram uma atitude não-conformista, apontando propostas de mudanças tanto no âmbito familiar quanto sócio-

comunitário, o que não pode ser entendido como a totalidade dos participantes, mas a sua maioria.

Sobre a metodologia utilizada deve-se salientar que como pressupõem os princípios das ações sócio-educativas, foi utilizada a metodologia sócio-educativa da autonomia/democrática. Em todo o processo de ensino-aprendizagem a coordenação do grupo desenvolveu suas atividades objetivando potencializar a consciência crítica/reflexiva dos educandos, através da socialização de informações que foram problematizadas e transformaram-se em objetos de reflexão, resultando na identificação dos problemas e apontamento de possíveis soluções. Durante os encontros algumas atividades foram modificadas apresentando resultados inesperados, como a elaboração de um “Caderno de Culinária”, em que cada educando através de sua vivência apresentou uma receita estratégica, ou seja, os participantes apresentaram as estratégias que utilizam para aproveitar da melhor maneira possível os poucos recursos que têm, objetivando promover uma alimentação saudável à sua família.

Em relação aos resultados alcançados é possível afirmar que ocorreu de fato uma experiência com grupo sócio-educativo, considerando que no decorrer de todos os encontros foi oportunizada aos sujeitos de direitos, uma reflexão crítica sobre questões que perpassam suas vidas diárias, ocasionando a melhoria do relacionamento intrafamiliar, da convivência sócio-comunitária. Concluiu-se assim, que o processo grupal interferiu na vida de seus membros.

Contudo é possível analisar que o profissional de Serviço Social é capaz de elaborar e coordenar uma abordagem grupal desde que sua intervenção seja fundamentada teoricamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Trabalho de Conclusão de Curso apresentado contribuiu para aprimorar os conhecimentos sobre a intervenção do Serviço Social através da abordagem grupal, considerando que esta possibilita a viabilização das ações sócio-educativas do Serviço Social, desde que, o profissional tenha domínio da proposta.

Para entender um pouco mais o percurso sobre a intervenção do Serviço Social com grupos, este trabalho foi iniciado com um breve resgate histórico da atuação do Serviço Social no Brasil. Com este resgate foi possível conhecer como a intervenção profissional ocorreu nos diferentes momentos e como a abordagem grupal foi sendo utilizada. Este estudo possibilitou o entendimento de que a abordagem grupal começou a ser utilizada pelo Serviço Social desde o início de sua existência no Brasil, e após o Movimento de Reconceituação nos anos 60 deixou de ser estudada teoricamente, mas continuou sendo utilizada nos diferentes campos de atuação. Após o Movimento de Reconceituação o Serviço Social dedicou-se ao estudo de teorias que poderiam fundamentar a profissão, mas a prática em todos os seus âmbitos ficou em segundo plano. É neste contexto que os grupos deixaram de ser estudados pelo Serviço Social, mas a necessidade de sua utilização foi perceptível, sendo que esta abordagem continua sendo utilizada até os dias atuais.

Assim pode-se verificar o descompasso entre a discussão teórica que enfatiza a compreensão do ser humano em sua totalidade e o despreparo para implementar diferentes formas de trabalho com grupos. Estas considerações demonstram o quanto é importante estudar a história para construir o presente, tentando melhorar as formas de atuação. Portanto,

acredita-se que este trabalho pode auxiliar os Assistentes Sociais que queiram desenvolver este tipo de atividade, principalmente a intervenção com grupos sócio-educativos.

A oportunidade de desenvolver este tipo de abordagem no Programa Família Cidadã foi o ponto forte deste aprendizado. Além de entender a dinâmica grupal, este trabalho possibilitou um entendimento amplo do que significa uma ação sócio-educativa, e como o Serviço Social pode intervir sendo direcionado por esta perspectiva, dentro de uma postura interdisciplinar.

Preocupou-se demonstrar neste trabalho tipos e formas de grupos, sendo que os grupos sócio-educativos mereceram destaque, por acreditar na eficiência deste tipo de abordagem e por ter participado de uma experiência neste âmbito.

Diante disso pode-se concluir que a experiência desenvolvida no campo de estágio ocorreu de forma democrático-participativa, em que a metodologia da autonomia foi o foco de trabalho. As problematizações ocorreram em todos os encontros do grupo possibilitando um verdadeiro processo de ensino-aprendizagem no âmbito social.

Finalizando, é importante salientar que este Trabalho de Conclusão de Curso foi construído com o intuito de comprovar a importância deste tipo de abordagem para a intervenção do Serviço Social, principalmente a intervenção na perspectiva das ações sócio-educativas. Comprovando que os Assistentes Sociais têm total capacidade de conduzir uma abordagem grupal, seja de forma interdisciplinar ou não, e esta intervenção só ocorre de forma efetiva se o profissional agir eticamente, desenvolvendo sua atividade a partir de um planejamento, de uma postura inovadora, com atualização de técnicas de operacionalização dos grupos, objetivando sempre intervir conforme o atual projeto ético-político da profissão, que é a garantia de direitos e a Justiça Social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, F. L. As ações sócio-terapêuticas e o Serviço social. **Relatório Final de Pesquisa**. Florianópolis: UFSC/CSE/DSS, 2003. Mimeo.

AFONSO, L. (org); COUTINHO, A. R. A. **Oficinas em dinâmica de grupo na área da saúde**. Belo Horizonte: Edições Campo Social, 2003.

AUBRY, M.J. ARNAUD, S.Y. **Dinâmica de Grupo. Iniciação a seu Espírito e Algumas de suas técnicas**. 8ª Edição. São Paulo: 2003.

BAPTISTA, M. V. **Planejamento Social: Intencionalidade e instrumentação**. São Paulo: Veras, 2002.

BERSTEIN, M. **Contribuições de Pichón-Rivière à psicoterapia de grupo**. Biguaçu: mimio, 2002/2.

BRASIL. **Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, e dá outras providências. Brasília: Senado Federal, 1990.

CAVALCANTE, O; MORTARA, P. C. Interdisciplinaridade no trabalho sócio-educativo. **In: Trabalho com Famílias**, n.2. São Paulo: PUC-SP, 2004, p. 93-98.

COSTA, A. C. G. **Aventura Pedagógica: Caminhos e Descaminhos de Uma Ação Educativa**. Belo Horizonte: Ed. Modus Faciendi, 2001.

CUNHA, C.J.C.A. de; FERLA, L. A (Orgs). **Manual do Moderador: Facilitando a Aprendizagem de Adultos**. Florianópolis: Instituto de Estudos Avançados, 2002.

DIAS, M.G.S. A Práxis Dialógica e a Construção da Intersubjetividade: Uma Vivência em Encontros de Voluntários que Atuam em Grupos da Terceira Idade. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social Katálisis**. Florianópolis: Editora da UFSC, n°2, pág.61-69, mês maio de 1998.

ESTEVÃO, A.M.R. **O que é Serviço Social**. São Paulo: Brasiliense, 1984 (Coleção Primeiros Passos).

FALEIROS, V. P. de. “Serviço social: questões presentes para o futuro”. **Revista Serviço Social e Sociedade**. São Paulo: Cortez, v. 50, p. , abril de 1996.

FREIRE, P. “**Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**”. São Paulo: Paz e Terra, 1996(Coleção Leitura).

FREIRE, P. “**Pedagogia do Oprimido**”. São Paulo: Paz e Terra, 1977(Coleção Leitura).

FREIRE, P. “**Extensão ou Comunicação?**”. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1977.

GUIMARÃES, C. H. O trabalho sócio-educativo sob o olhar da Psicologia. **Trabalho com Famílias**. São Paulo: PUC-SP, n.2, p, 112-118, 2004.

GUIMARAES, F. R. Famílias uma experiência em grupo. **Revista Serviço Social e Sociedade**. São Paulo: Cortez, nº 71, pág.165-179, 2002.

GRUDTNER, D.I. **Processo Educativo Participativo com Enfoque na Ajuda à Família: Uma Experiência na Disciplina de Enfermagem Cirúrgica**. 1997. nº folhas: 118. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

IAMAMOTO, M. V. **Renovação e Conservadorismo no Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 1992.

IAMAMOTO, M. V; CARVALHO, R. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica**. São Paulo: Cortez, 1982.

IAMAMOTO, M. V. **O Serviço Social na Contemporaneidade**. São Paulo: Cortez, 2001.

LANE, S. T. M; SAWAIA, B. B. **Novas Veredas da Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense EDUC, 1995.

LENZI, M. C. R. **O que é grupo**. Biguaçu: MIMEO, 2002/1.

LIMA, T. C. S. de. As ações sócio-educativas do Serviço Social com Famílias: propondo procedimentos metodológicos. **Subprojeto de pesquisa: UFSC/CSE/DSS**. Florianópolis, 2003.

LIMA, L. O. de. **Treinamento em Dinâmica de Grupo: no lar, na empresa, na escola**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes Limitada, 1970.

LIMA, T. C. S. A intervenção Profissional do Serviço Social no Contexto da Cidadania e dos Direitos: Pensando as Ações Sócio-Educativas. **Relatório Final de Pesquisa**. Florianópolis: UFSC/CSE/DSS, 2003.

MAILHIOT, B. G. Dinâmica e Gênese de Grupos. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977.

MARTINELLI, M.L. **Serviço Social Identidade e Alienação**. São Paulo: Cortez, 2000.

MIOTO, R.C.T. Família e saúde mental: contribuições para reflexão sobre processos familiares. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social Katálysis**. Florianópolis: Editora da UFSC mês maio de 1998., n°2, pág..20-26,

MORTARA, P.; PARDINI, M. S. A formação continuada de equipes técnicas em trabalho com famílias. **Trabalho com Famílias**. São Paulo: PUC-SP, n. 2, p. 119-124, 2004.

OLIVEIRA, M. D. de. Revisão histórica: a trajetória dos autores e de suas obras/ Paulo Freire. **O Processo Educativo Segundo Paulo Freire e Pichon-Rivieri – Seminário promovido e coordenado pelo instituto Pichon-Riviéri de São Paulo**. Petrópolis: Vozes, 1985. Tradução: Lucia M.E. Orth.

OSÓRIO.C.L. **Grupos, Teorias e Práticas: Acessando a Era da Grupalidade**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ. Secretaria do Desenvolvimento Social. **Centro Integrado de Atendimento à Criança, ao Adolescente e à Família (CIACAF)**. São José: 2002.

ROSAL, C. P. O Trabalho com Grupos no Serviço Social: Voltando ao Passado para construir o Presente.1996. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Serviço Social). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

MIOTO, R.C.T. Família e saúde mental: contribuições para reflexão sobre processos familiares. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social Katálysis**. Florianópolis: Editora da UFSC mês maio de 1998., n°2, pág..20-26,

ROMEIRO, A. E. de; ALMEIDA, C. C. L. de; DOMINGUES, R. M. S. M. Grupo de Anticoncepção. **Práticas de Educação em Saúde**. Rio de Janeiro:Panorama/ENSP, 1992.

SILVA.M.L.L. da.Um novo fazer profissional. **Cadernos de Capacitação e Serviço social e política social**. Brasília: CEAD, mod. 04, p.112-124, 2000.

VASCONCELOS, M. A. de. **A prática do Serviço Social: Cotidiano, formação e alternativas na área da saúde**. São Paulo: Cortez, 2002.

VIEIRA, B. O. Serviço Social: Processos e Técnicas. Rio de Janeiro: Agir, 1978.

VITIELLO, N; GONÇALVES, A . C. C. **Manual de dinâmicas de grupo**. São Paulo: IGLU, 1997.

YAZBEK, M. C. Os fundamentos do Serviço Social na contemporaneidade. **Caderno Capacitação em Serviço Social e Política Social**. Brasília: CEAD, mod. 04, p.19-34, 2000.

APÊNDICES

APÊNDICE A

PROGRAMA DO 1º ENCONTRO
<p>Data: 25.03.2004 Início: 14:30 hs Coordenadoras: Giovana/Izaiane</p> <p>1º Momento (10 min.). <i>Acolhida:</i> Acolher com simpatia as famílias, explicando-as sobre o objetivo e funcionamento do grupo, motivando-as a participarem dos próximos encontros.</p> <p>2º Momento: Comunicados: Apresentação da nova estagiária do curso de psicologia que ingressou junto à equipe de intervenção.</p> <p>3º Momento (40 min.). <i>Técnica de dinâmica de grupo:</i> O grupo será dividido em duplas que irão compartilhar uma experiência com as outras sobre dois aspectos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • O que esperam aprender no grupo, • O que mais gostam de fazer. <p>Para auxiliá-los nesta atividade serão sugeridos no segundo aspecto algumas modalidades como: crochê, esporte, jogos de mesa, filmes, desenhar, pintar, cantar, dançar, ler, cozinhar, estudar, trabalhar, descansar e outros. Após esta tarefa cada dupla irá apresentar seu colega enfatizando o que ficou conhecido em relação aos dois aspectos acima. Esta técnica de dinâmica de grupo tem como principais objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A integração do grupo fazendo com que em pequeno e em grande grupo todos possam se conhecer melhor, criando vínculo de amizade uns com os outros; • Conhecer os objetivos de cada membro do grupo em relação aos encontros; • Identificar algumas habilidades de cada membro para futuras estratégias de intervenção. <p>Encerrar este momento explicando-os que os encontros subsequentes estarão relacionados com as expectativas do grupo, sobre o que expuseram em suas apresentações, recorrendo na medida do possível, suas habilidades preferidas.</p> <p>4º Momento: Confraternização Final (10 min.). <i>Fechamento:</i> Ensinar uma música que proporcione um momento de alegria e promova um vínculo de amizade entre todos participantes do grupo. Confraternização final com um lanche oferecido pelo programa.</p>

APÊNDICE B

PROGRAMA DO 2º ENCONTRO
<p>Tema: “DROGAS” Data: 22/04/2004 Horário: 14:15 horas Coordenadora: Giovana Observadora: Izaiane</p> <p><u>1º Momento</u> : (5 min.) Acolhida</p> <ul style="list-style-type: none"> • Receber com simpatia as famílias; • Dar boas vindas aos novos membros; • Firmar o compromisso ético no grupo. • Apresentar o palestrante Luis Coordenador da Comunidade “Cerene”. <p><u>2º Momento</u> (10 min.) <i>Comunicados</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Informar sobre a saída da estagiária psicologia e sobre a inserção da voluntária Psicóloga para ficar com os filhos deles. • Informar que no próximo encontro será entregue a cada integrante um folder do que foi discutido sobre a temática. <p><u>3º Momento</u> (40 min.) Palestra</p> <p><i>Obs:</i> este momento ficou a cargo do Palestrante Luis.</p> <p>Objetivos desta palestra:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Provocar nos participantes uma reflexão sobre a prática das drogas na sociedade e em seus contextos de vida; • Formar uma aliança de confiança mútua entre os membros do grupo; • Promover um aprendizado, a partir do outro, dando um novo significado para o convívio com as drogas. <p>Técnica de dinâmica de grupo: A partir de um cartaz escrito “O que mudou?”, fazer uma breve reflexão sobre os assuntos que foram discutidos, incentivando aos participantes a ficarem longe das drogas.</p> <p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reforçar a integração; • Manter a construção de vínculo; • Identificar novos aprendizados em relação ao tema; • Promover discussões e articulações entre os membros sobre o que eles juntos ou individualmente podem estar fazendo para modificar um pouco da realidade das drogas em seus contextos de vida. <p><u>4º Momento</u> (10 min.)</p> <p>Repetir a música do 1º encontro para proporcionar um momento de alegria e fortalecimento do vínculo de amizade entre todos participantes do grupo.</p> <p>Confraternização final com um lanche oferecido pelo programa.</p> <p>Observação: As crianças ficarão na sala de atendimento da “Cidade da Criança” com a Psicóloga Patrícia.</p>

APÊNDICE C

PROGRAMA DO 3º ENCONTRO
<p>Tema: “DIREITOS E DEVERES HUMANO” Data: 06/05/2004 Horário: 14:15 horas Coordenadora: Giovana/Izaiane Observadora: Giovana/Izaiane</p> <p><u>1º Momento:</u> (15 min.) <i>Acolhida:</i> (5 min.)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Receber com simpatia as famílias; • Dar boas vindas aos novos membros; • Apresentar a palestrante Eunice; • Firmar o compromisso ético no grupo. <p><u>2º Momento:</u> Comunicados (5 min.)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Da Psicóloga Patrícia que ficará com as crianças. • Da transferência da palestra do tema de drogas para o próximo encontro; • Do tema que será trabalhado “Direitos e Deveres do cidadão”; <p><u>3º Momento</u> (120 min.) Técnica de dinâmica de grupo (60 min.)</p> <p><i>1ª Atividade:</i> Será realizado um bingo com conteúdos relacionados a direitos e deveres do cidadão. Para tanto, o grupo será dividido em seis participantes de cada vez.</p> <p><i>2ª Atividade:</i> Será apresentado em cartolinas à palavra Direitos e Deveres, e cada participante através de figuras irão apresentar algo que esteja relacionado ao direito e dever do cidadão.</p> <p><u>Palestra</u> (60 min.)</p> <p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresentar informações básicas sobre como conviver no mundo de forma mais saudável; • Levar a refletir algumas questões sobre suas realidades de vida e suas implicações em relação a estes construtos; • Discussão e identificação do conhecimento do grupo sobre a temática. • Formar uma aliança de confiança mútua entre os membros do grupo; • Promover um aprendizado, a partir do outro, possibilitando a união de forças para modificação da realidade contextual de suas comunidades. <p><u>Obs.</u> Serão entregues aos vencedores do bingo exemplares do ECA (estatuto da criança e do adolescente)</p> <p><u>4º momento</u> (15 min).</p> <p>Repetir a música do 1º encontro para proporcionar um momento de alegria e fortalecimento do vínculo de amizade entre todos participantes do grupo. Confraternização final com um lanche oferecido pelo programa.</p> <p><u>Observação:</u> As crianças ficarão na sala de atendimento da “Cidade da Criança” com a Psicóloga Patrícia.</p>

APÊNDICE D

PROGRAMA DO 5º ENCONTRO
<p>Tema: “DROGAS” Data: 13/05/2004 Horário: 14:15 horas Coordenadora/observadora: Giovana e Izaiane</p> <p><u>1º Momento</u>:(5 min.) <i>Acolhida</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Receber com simpatia as famílias; • Dar boas vindas aos novos membros; • Firmar o compromisso ético no grupo. <p><u>2º Momento:comunicados</u>(60 min.)Apresentar a palestrante Jane membro do grupo A.A. (alcoólatras anônimos) Palestra <u>Obs:</u> este momento fica a cargo da Palestrante Jane.</p> <p>Objetivos desta palestra:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Provocar nos participantes uma reflexão sobre a prática das drogas na sociedade e em seus contextos de vida; • Formar uma aliança de confiança mútua entre os membros do grupo; • Promover um aprendizado, a partir do outro, dando um novo significado para o convívio com as drogas. <p><u>3º Momento</u> (60 min.) Técnica de dinâmica de grupo: A partir de um cartaz escrito “O que mudou?”, fazer uma breve reflexão sobre os assuntos que foram discutidos, incentivando aos participantes a ficarem longe das drogas.</p> <p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reforçar a integração; • Manter a construção de vínculo; • Identificar novos aprendizados em relação ao tema; • Promover discussões e articulações entre os membros sobre o que eles juntos ou individualmente podem estar fazendo para modificar um pouco da realidade das drogas em seus contextos de vida. <p><u>4º momento</u> (5 min.)</p> <p>Repetir a música do 1º encontro para proporcionar um momento de alegria e fortalecimento do vínculo de amizade entre todos participantes do grupo.Confraternização final com um lanche oferecido pelo programa. Observação: As crianças ficarão no auditório da “Cidade da Criança” com a Psicóloga Patrícia.</p>

APÊNDICE E

PROGRAMA DO 6º ENCONTRO
<p>Tema: “RELACIONAMENTO DE PAIS/FILHOS” I Data: 27/05/2004 Horário: 14:15 horas Coordenadoras: Giovana/Izaiane</p> <p><u>1º Momento</u> (20 min.) <i>Acolhida: (5 min.) Avaliação/Discussão: (15 min.)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Receber com simpatia as famílias; • Dar boas vindas aos novos membros; • Firmar o compromisso ético no grupo. • Fazer avaliação verbal junto aos participantes do grupo sobre: • Motivos da falta de frequência; • Relevância dos conteúdos abordados para suas realidades de vida; <p><u>2º Momento</u> (120 min.)</p> <p>Palestrantes: Giovana/Izaiane</p> <p>Palestra articulada com encenação feita pelos participantes. Serão entregues aos participantes uma história com situações referentes a relacionamentos de pais/filhos. Os participantes serão convidados a participarem voluntariamente. Cada grupo formado irá encenar a situação dada, logo após este momento será discutido em grande grupo o conteúdo ali abordado. E assim, as encenações serão intercaladas com a discussão.</p> <p>As situações relacionadas a seguir foram construídas a partir das dificuldades diagnosticadas nos encontros e nas visitas domiciliares.</p> <p>Situação nº 1</p> <p>O pai chega em casa chateado e não conversa com seu filho. O filho fica triste, pois quer atenção do pai.</p> <p>O que está faltando para esta relação melhorar?</p> <p>Discussão: diálogo, vínculo, fragilidade humana, limitações, formação da personalidade.</p> <p>Situação nº 2</p> <p>João e Maria estão estudando para arrumar trabalho, estão confusos, não sabem o que fazer.</p> <p>Como os pais reagem nesta situação?</p> <p>Discussão: diálogo, orientação, informação, autonomia, maturidade.</p> <p>Situação nº 3</p>

Os pais vão junto com seus filhos ao supermercado, seus filhos pedem algo que no momento eles não podem ganhar. No entanto, seus filhos começam a chorar, gritar e espernear, dizendo que o pai e a mãe não os amam.

E agora pais o que fazer?

Discussão: diálogo, violência, paciência, limites.

Fundamentação Teórica: “Sete hábitos para pais aprender”:

1. Bons pais dão presentes, pais brilhantes dão seu próprio ser.

- Vínculo afetivo;
- Consumismo;
- Os pais se deixam conhecer pelos filhos; fortalecimento de vínculo; educar a emoção;
- Aprendendo com os pais a sobrevivência; registro da memória, estímulos externos e internos.
- O que foi apreendido não pode ser mais deletado, mas sim reeditado;
- Perdoar as pessoas; sentimentos ruins desenvolvem personalidade doentia;
- Não tenha vergonha de declarar seu amor pelo seu filho;
- O divórcio é prejudicial, somente quando o cônjuge resolve se divorciar dos filhos;

1. Frase 1 “Os filhos não precisam de pais gigantes, mas os seres humanos que falem a sua linguagem e sejam capazes de penetrar-lhes o coração”.

2. Bons pais nutrem o corpo, pais brilhantes nutrem a personalidade;
- a. Alimentar a sua vida psíquica; sua personalidade
 - b. Sistema social; questão da cultura; pensamento reflexivo; crítico; debater sobre o individualismo e o consumismo; liberdade de escolha;
 - c. Lidar com as frustrações; os pais têm que conhecer o mundo interno de seus filhos, para poder estar auxiliando eles; a vida não é feita somente de alegrias; sentir-se aceito pelos pais desenvolve uma boa auto-estima.
 - d. O pessimismo impede de enxergar as possibilidades de saídas de conflitos/ o entusiasmo propicia amor e força para lutar,
 - e. Maus exemplos dos pais como: mania de medo pela vida, por doença paralisa inteligência e emoção.
 - f. O otimismo se constrói pelo enfrentamento dos problemas e não pela negação.

Frase 2 “Pais brilhantes não formam heróis, mas seres humanos que conhecem seus limites e sua força”.

3. Bons pais corrigem erros, pais brilhantes ensinam a pensar.

- g. Não criticar sobre maus comportamentos e sim colocarem para refletirem sobre eles
- h. Surpreendam eles com diálogo;
- i. Com vínculo afetivo os diálogos são possíveis;
- j. Amor gera obediência

- k. Os limites são necessários para que eles possam enfrentar as turbulências da vida e ser mais felizes

Frase 3 **“Educar não é repetir palavras, é criar idéias, é encantar”**.

4. Bons pais preparam os filhos para os aplausos, pais brilhantes preparam os filhos para os fracassos.

- l. O reconhecimento das falhas, leva a um fortalecimento da personalidade;
- m. Estimular a paciência, para fazer conquistas;
- n. Saber lidar com o não;
- o. Pais precisam reconhecer seus erros para que seus filhos possam ter isso como exemplo; gerando crescimento pessoal; pedir desculpa;
- p. Encontrar prazer nas coisas simples; treinem as sensibilidades através da observação;

Frase 4 **“Os segredos da felicidade se escondem nas coisas simples e anônimas tão distantes e tão próximas de nós”**.

5. Bons pais conversam, pais brilhantes dialogam como amigos

- q. Diálogo criativo;
- r. Abraçar, beijar, elogiar;

Frase 5 **“Se eles não ouvirem não dos seus pais, estarão despreparados para ouvir ‘não’ da vida”**.

6. Bons pais dão informação, pais brilhantes contam histórias;

- s. Os pais que são contadores de histórias, não têm vergonha de usar seus erros e dificuldades para ajudar os filhos em suas dificuldades;

Frase 6 **“Quando os filhos estão desesperados, com medo do amanhã, com receio de enfrentar um problema, esses pais entram em cena e criam histórias que transformam a emoção ansiosa dos filhos numa fonte de motivação”**.

7. Bons pais dão oportunidade, pais brilhantes nunca desistem;

Frase 7 **“Podemos chorar, mas jamais desanimarmos. O mundo pode não apostar nos nossos filhos, jamais devemos perder a esperança de que se tornem grandes seres humanos”**.

Objetivos:

- Promover uma reflexão dos pais sobre seu relacionamento com seu filho;
- Informar sobre atitudes mais adequadas para educar seus filhos;
- Desenvolver seus conhecimentos sobre educação para filhos;
- Contribuir para um melhor desenvolvimento interpessoal entre pais/filhos;
- Relacionar teoria especializada com a prática vivencial de cada participante;
- Troca de experiências entre os pais;
- Aprendizagem a partir das experiências dos outros membros.

Bibliografia:

CURY, Augusto. [Pais Brilhantes & Professores Brilhantes](#).

Observação: As crianças ficarão no auditório, recebendo atendimento, pela Psicóloga
Patrícia

APÊNDICE F

PROGRAMA DO 8º ENCONTRO
<p>Tema: “EDUCAÇÃO EM SAÚDE” Data: 17/06/2004 Horário: 14:15 horas Coordenadoras: Giovana/Izaiane Palestrante: Eunice (Educadora) 1º Momento (20 min.) <i>Acolhida: (5 min.) Avaliação/Discussão: (15 min.)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Receber com simpatia as famílias; • Dar boas vindas aos novos membros; • Firmar o compromisso ético no grupo. • Fazer avaliação verbal junto aos participantes do grupo sobre: <ul style="list-style-type: none"> • Palestra relacionamento pais/filhos (recurso utilizado “carinhas” triste e alegre); • Motivos da falta de frequência • Relevância dos conteúdos abordados para suas realidades de vida. <p>2º Momento (120 min.) Aquecimento: assistir um filme “Higiene e Saúde”</p> <p>Palestra: Sub temas a serem trabalhados:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Cuidados com a higiene do ambiente; • Saúde física (alimentação); <p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Promover uma reflexão sobre a temática nos participantes; • Informar sobre atitudes mais adequadas para cuidar de suas saúde pessoal e social; • Estimulação práticas de conhecimentos sobre a temática; • Contribuir para um melhor desenvolvimento físico, psicológico e social; • Relacionar teoria especializada com a prática vivencial de cada participante; • Promover trocas de experiências entre os participantes; • Aprendizagem a partir das experiências dos outros membros. <p>3º Momento (15 min.)</p> <p style="padding-left: 40px;">Poema recitado pela educadora “Eunice”</p> <p>4º Momento (10 min.)</p> <p>Confraternização final com um lanche oferecido pelo programa.</p> <p>Observação: As crianças ficarão no auditório, recebendo atendimento, pela Psicóloga Patrícia</p>

APÊNDICE G

PROGRAMA DO 9º ENCONTRO
<p>Assunto: Temas Compartilhados e confraternização final (FESTA NA ROÇA) Data: 24/06/2004 Horário: 14:15 horas Coordenadoras: Giovana/Izaiane</p>
<p>1º Momento (20 min.) <i>Acolhida:</i> (5 min.) <i>Avaliação/Discussão:</i> (15 min).</p> <ul style="list-style-type: none"> • Receber com simpatia as famílias; • Dar boas vindas aos novos membros; • Firmar o compromisso ético no grupo. • Fazer avaliação verbal junto aos integrantes do grupo sobre todos os encontros, segundo estes itens: <ul style="list-style-type: none"> ○ Atividades lúdicas (jogo de memória, bingo, gravuras de revista, teatro, vídeo); ○ Conteúdo debatido nas palestras; ○ Palestrantes (Luis, Jane, Eunice); ○ Coordenadoras do grupo; ○ Aprendizado.
<p>2º Momento (120 min.)</p> <p>Aquecimento: assistir o filme da apresentação teatral dos pais, do 7º encontro, junto com as crianças.</p>
<p>3º Momento (15 min.)</p> <p style="text-align: center;">Festa na Roça:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Casamento; • Quadrilha; • Pescaria; • Comilança. <p>Teatro</p> <ul style="list-style-type: none"> • OCES, TAO AQUI PRA MODE DEU FAZER O CASORIO. • O NOIVO SE APROXIMA • CADE O NOIVO? EU NÃO QUERO FICAR PRA TITIA, NÃO • MAIS AQUELE DESGRAMADO VAI TE QUE CASAR COM A MINHA FILHA. SE NÃO VAI TER QUE SE VER COMIGO • O NOIVO FUGIU? • SILENSO. VAMU ACABA COM ESSA BAGUNÇA • SEU PADRE EU TO AQUI, É QUE ME DEU DOR DE BARRIGA

- ENTAO VAMU CUMEÇA ESTE CASORIO DUMA VIES DONA GURMENCINA LATRONCIO, A SENHORA ACEITA O SENHOR GODOFREDO CLEONCIO DA SILVA.
- É CLARO NÃO QUERO FICAR PRA TITIA
- SENHOR GODOFREDO ACEITA CASAR COM ELA?
- QUERER, QUERER, EU NÃO QUERO, MAIS JÁ QUE NÃO TEM OUTRO JEITO
- ENTÃO SE TEM ALGUMA PESSOA AQUI QUE QUER IMPEDIR ESTE MATRIMONIO FALE AGORA OU CALESSE PARA SEMPRE
- EU SEU PADREM, ESTE MARDITO VAGABUNDO ME DEIXOU EMBUXADA E FOI EMBORA COM 5 FILHOS
- CASORIO ENCERRADO VAMU PRA FESTA MOÇADA.

Objetivos:

- Promover trocas de experiências entre os participantes;
- Aprendizagem a partir das experiências dos outros membros;
- Reflexão a cerca do conhecimento adquirido;
- Demonstrar a importância da convivência em grupo;
- Promover um espaço para o lazer.